

merich,
sreem g
17

Denis Thériault

A vida
peculiar
de um
carteiro

solitário

Casa da Palavra



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Ficha Técnica

Copyright © 2005, Facteur émotif / XYZ
Éditeur

Copyright © 2014, The peculiar life of a lonely
postman / Hesperus Press

Copyright © 2015 Casa da Palavra, através da
Allied Authors Agency, Bélgica e Sandra
Bruna Agencia Literária, Espanha

Todos os direitos reservados e protegidos pela
Lei 9.610, de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem a
expressa anuência da editora.

Este livro foi revisado segundo o Novo Acordo
Ortográfico da Língua Portuguesa.

Título original: The peculiar life of a lonely
postman

Copidesque: Fernanda Mello

Revisão; Nina Lopes

Projeto gráfico de miolo e capa: Retina 78

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES
DE LIVROS, RJ

T357v

Thériault, Denis

A vida peculiar de um carteiro solitário / Denis

Thériault; tradução Daniela

P. B. Dias.

Tradução de: The peculiar life of a lonely
postman

ISBN 9788577345564

I. Romance canadense. I. Dias, Daniela P. B.

II. Título.

15-21564 CDD: 819.13

CDU: 821.111(71)-3

CASA DA PALAVRA PRODUÇÃO
EDITORIAL

Av. Calógeras, 6, 701 – Rio de Janeiro – RJ –
20030-070

21.2222 3167 21.2224 7461

editorial@casadapalavra.com.br

A vida
peculiar
de um
carteiro solitário



Denis Thériault

A vida
peculiar
de um
carteiro solitário

Tradução
Daniela P. B. Dias



R8-7



Para Louise e Guy





O giro das ondas
contra pedras rudes –
o tempo corre em volteios

A pesar do nome, a rue des Hêtres era margeada por bordos em quase toda a sua extensão. Quem olhasse para o final dela, veria duas fileiras de prédios de quatro ou cinco andares – com escadas externas dando acesso aos pavimentos superiores. A rua tinha 115 escadas assim, que, juntas, somavam 1.495 degraus. Bilodo sabia disso porque havia contado e recontado todos eles, já que subia cada uma dessas escadas todas as manhãs. Mil quatrocentos e noventa e cinco degraus, cada um com altura média de vinte centímetros, totalizando 299 metros. Mais de uma vez e meia a altura do Place Ville Marie. De fato, ele subia o equivalente a uma Torre Eiffel inteira dia após dia, debaixo de chuva ou sol, sem falar que ainda precisava descer todos esses degraus. Bilodo não considerava essa maratona vertical algum tipo de façanha. Era mais como um desafio diário, sem o qual a vida lhe pareceria um tanto sem graça. Vendo a si mesmo como uma espécie de atleta, ele sentia uma identificação especial com os praticantes de caminhadas de longas distâncias, os intrépidos especialistas em *trekking*, e era instigado por uma pontinha ocasional de remorso ao pensar que, em meio a todas as modalidades admiráveis dos esportes de resistência, não havia uma categoria específica para os escaladores de escadas. Tinha quase certeza de que se sairia muito bem em provas de 1.500 degraus ou nos 250 metros sobe-e-desce. Se existisse uma competição olímpica de subida de escadas, Bilodo teria ótimas chances de se classificar, quem sabe até chegando a subir o derradeiro e triunfante degrau mais alto do pódio.

Por ora, ele era um carteiro.

Estava com 27 anos.

Bilodo já era o responsável pela mesma rota postal em Saint-Janvier-des-Âmes havia cinco anos. Chegara a se mudar para o coração desse bairro operário para ficar mais perto do trabalho. Em todo esse tempo de leais serviços prestados, só faltara ao emprego um único dia: para ir ao funeral dos pais, mortos em um acidente com o teleférico de Quebec. Era o que poderia ser descrito como funcionário constante.

Pela manhã, na Central, iniciava o trabalho separando a correspondência do dia. Precisava arrumar todos os envelopes e pacotes na ordem em que seriam entregues e depois amarrá-los em fardos que outro funcionário com um furgão levaria antecipadamente para caixas blindadas espalhadas ao longo da rota. Bilodo conseguia dar conta dessa tarefa tediosa com uma rapidez excepcional. Ele desenvolvera um método de separação próprio, inspirado em parte nas técnicas usadas por crupiês com as cartas do baralho e em parte na habilidade dos atiradores de facas: como se fossem lâminas lançadas com uma precisão fulminante, os envelopes deixavam a sua mão, voavam na direção do alvo e escorregavam para dentro do escaninho correspondente. Era raro ele errar. Esse talento impressionante fazia com que Bilodo conseguisse terminar a tarefa bem antes dos colegas – o que era bom também porque, depois disso, ele podia escapar. E não havia nada na sua cabeça que se comparasse à sensação excitante de partir, levantar acampamento, sorver o ar fresco e saborear a fragrância de um novo dia enquanto caminhava pelas calçadas ao longo da manhã inteira sem ninguém para lhe dar ordens.

Nem tudo era um mar de rosas, claro. Havia as porcarias dos panfletos comerciais sem graça que precisavam ser entregues, as dores nas costas, tornozelos torcidos e outros acidentes de percurso; havia as ondas de calor avassalador no verão, as chuvas de outono que lhe encharcavam até os ossos, o gelo escorregadio no inverno, que transformava as ruas da cidade num perigoso rinque de patinação enquanto o frio lhe mordía os calcanhares – do mesmo jeito que faziam os cachorros, aliás, esses inimigos naturais dos carteiros. Mas a satisfação moral de se saber indispensável para a comunidade compensava as desvantagens. Bilodo se sentia fazendo parte da vida do bairro, e considerava que tinha um papel discreto, porém essencial nela. Para ele, entregar a correspondência era uma missão a ser cumprida conscienciosamente, sabendo que assim estava contribuindo para a manutenção da ordem universal das coisas. Ele não tinha vontade de trocar de vida com ninguém no mundo. Exceto, talvez, com outro carteiro.

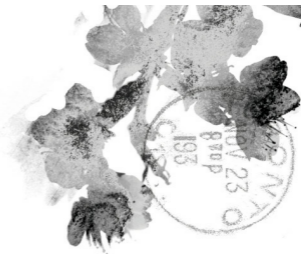
muito longe da Central de Triagem, e, depois da sobremesa, passava um tempo praticando caligrafia – a arte da bela escrita manual, que havia adotado como hobby. Sacando seu caderno de exercícios e as canetas, ele se acomodava junto ao balcão e transcrevia algumas palavras de um jornal, ou algum item do cardápio. Os movimentos coreográficos da ponta do instrumento sobre o papel em geral o deixavam absorto, valsendo pelos altos e baixos da cursiva italiana, caprichando nas *voltes* das maiúsculas opulentas ou nas espadas cruzadas da escrita gótica, sentindo-se como um dos valorosos monges copistas medievais que viviam apenas para a tinta, arruinando os próprios olhos, com os dedos entevados, mas as almas resplandecentes.

Os colegas de Bilodo nos Correios não entendiam. Quando o bando barulhento adentrava o Madelinot, na hora do almoço, zombavam dos seus esforços caligráficos, chamando-os de garranchos. Bilodo não se ofendia, porque afinal aqueles eram seus amigos, e também porque, se tinham culpa de algo, era apenas de serem ignorantes mesmo. À exceção de uma pessoa informada, ou um entusiasta devotado àquela arte como ele próprio, quem iria saber apreciar a beleza sutil de um traço de caneta, o equilíbrio delicado de proporções de uma linha bem-traçada? A única que parecia ser capaz de enxergar esse tipo de coisa era Tania, a garçonete. Ela era sempre gentil, parecia demonstrar interesse genuíno nas suas atividades, e vivia lhe dizendo como achava o resultado lindo. Uma jovem bastante sensível, isso era certo. Bilodo gostava muito dela. Sempre lhe deixava uma boa gorjeta. Se fosse um pouco mais observador, ele teria reparado nos olhares frequentes que Tania lhe dirigia do seu lugar perto do caixa, ou que ela sempre lhe dava o maior pedaço de torta na hora da sobremesa. Mas ele nunca reparou nisso. Ou será que preferia não reparar?

Bilodo não olhava mais para outras mulheres depois que Ségolène tinha entrado na sua vida.

Bilodo morava no décimo andar de um arranha-céu, no apartamento de um quarto decorado com cartazes de cinema que dividia com seu peixe dourado chamado Bill. À noite, ficava jogando Halo 2 ou Dungeon Keeper e depois jantava – alguma refeição pronta – sentado em frente à tevê. Ele raramente saía de casa. Só uma ou outra sexta-feira, quando Robert insistia muito. Robert, um colega de Bilodo no trabalho, era quem cuidava de esvaziar as caixas de correio das ruas, e também era seu melhor amigo. Robert saía bastante, quase todas as noites, mas Bilodo quase nunca concordava em ir junto, porque na verdade não gostava muito de bares enfumaçados, dessas *raves* com música de estourar os tímpanos, nem das boates cheias de dançarinas sem roupas para onde o amigo o arrastava. Ele preferia mesmo ficar em casa, longe do agito do mundo e dos traseiros femininos – ainda mais agora que Ségolène fazia parte da sua vida.

E, fosse como fosse, Bilodo tinha coisas melhores para fazer das suas noites. Ele ficava muitíssimo ocupado no seu apartamento. Depois de ver tevê e lavar a louça, trancava a porta para se entregar ao seu vício secreto.



Bilodo era um carteiro fora do comum.

No meio dos milhares de pedaços de papel sem alma que entregava em suas rondas, vez por outra ele se deparava com uma carta pessoal – artigo cada vez mais raro nesta nossa era do e-mail, e mais fascinante ainda por causa da sua raridade. Quando isso acontecia, Bilodo se empolgava feito um garimpeiro ao dar de cara com uma pepita de ouro na sua peneira. E ele não entregava a carta. Não imediatamente. Ele a levava para casa e abria usando vapor. Era isso que o mantinha tão ocupado à noite, na privacidade do seu apartamento.

Bilodo era um carteiro curioso.

Ele mesmo nunca recebia cartas pessoais. Gostaria muito de recebê-las, mas não tinha ninguém de quem fosse íntimo o bastante para trocar cartas. Houve uma época em que decidiu mandar cartas para si mesmo, mas a experiência acabou se mostrando frustrante. As cartas então foram parando de chegar aos poucos, e não fizeram falta. Bilodo não sentiu saudades dele mesmo. Muito mais atraentes, sem dúvida, eram as cartas das outras pessoas. Cartas de verdade, escritas por pessoas de verdade que preferiam o ato sensorial de escrever à mão e a expectativa deliciosamente lânguida de aguardar pela resposta à frieza reptiliana dos teclados e à instantaneidade da internet – pessoas para quem o ato de escrever era uma escolha deliberada e, em alguns casos, como as próprias cartas deixavam transparecer, uma questão de princípios, um manifesto em favor de um estilo de vida que não fosse tão regido pela correria contra o relógio e a obrigação de demonstrar desempenho.

Havia as cartas hilárias que Doris T. escrevia da cidadezinha de Maria, na Península Gaspé, para contar as fofocas locais à sua irmã Gwendoline, e as linhas de cortar o coração que Richard L., detido no presídio de Port

Cartier, enviava ao filho pequeno, Hugo. Havia as longas epístolas místicas que a irmã Régine, da Congregação do Saint-Rosaire, em Rimouski, enviava à sua velha amiga Germaine, e os breves contos eróticos que Laetitia D., uma jovem enfermeira temporariamente exilada em Yukon, criava para o noivo solitário. E também as missivas estranhas nas quais um misterioso O. aconselhava um certo N. sobre meios seguros de se invocar entidades sobrenaturais variadas. Dava para encontrar de tudo e qualquer coisa naqueles envelopes, vindos daqui, de lá e de acolá: cartas de parentes próximos e de correspondentes muito distantes, cartas de apreciadores de cerveja comparando suas impressões gustativas, de viajantes inveterados dando notícias às suas mães saudosas, de foguistas de locomotivas a vapor aposentados comparando suas cicatrizes de trabalho. Havia as cartas em tom exageradamente confortador que militares em serviço no Afeganistão enviavam às suas esposas ansiosas, e palavras de preocupação mandadas por tios a suas sobrinhas sobre segredos alarmantes do passado que jamais poderiam ser revelados, e as cartas do tipo “Querido John” ou “Querida Mary” que acrobatas de circo morando em Las Vegas usavam para terminar seus relacionamentos com os ex-amantes. Havia até mesmo cartas pesadas com xingamentos que vazavam até pelos envelopes.

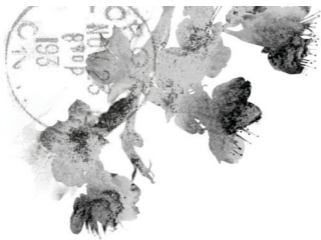
Mas, acima de tudo, havia as cartas de amor. Porque, mesmo passado o Dia dos Namorados, o amor continuava sendo o denominador comum por excelência da humanidade, o assunto que movia o maior número de canetas a deslizarem sobre o papel. O amor em todas as formas gramaticais e todos os tons possíveis, apresentado em todo tipo de formato que se pudesse imaginar: cartas apaixonadas ou cortesias, às vezes sugestivas e em outras mais castas, mais tranquilas ou mais dramáticas, por vezes violentas, frequentemente líricas, especialmente comoventes se traziam os sentimentos expressos em termos simples, e que nunca tocavam mais fundo o leitor do que naquelas vezes em que as emoções ficavam escondidas nas entrelinhas, ardendo quase invisivelmente por trás de um véu de palavras inócuas.

Depois de ter lido e relido a carta do dia, saboreando cada letra de cada palavra, Bilodo fazia uma fotocópia para guardar em seus registros. Ele a colocava então numa pasta cuja cor sinalizava o assunto tratado, e essa pasta ficava dentro de um arquivo de aço à prova de fogo. O texto original voltava para dentro do seu envelope, que era cuidadosamente colado e depositado na caixa de correio do destinatário no dia seguinte, como se nada tivesse acontecido. Bilodo já praticava essa atividade clandestina havia dois anos. Era crime, e ele estava bem ciente disso, mas qualquer possível sentimento de culpa se esvaía em insignificância quando comparado à sua curiosidade suprema. E, além do mais, ninguém saía prejudicado no final, e nem ele mesmo estaria se arriscando muito desde que continuasse sempre a ser cuidadoso. Quem poderia se incomodar com um atraso de vinte e quatro horas na entrega de uma carta? E, para começo de conversa, quem poderia sequer saber que a tal carta estava mesmo atrasada?

Bilodo interceptava cerca de trinta fluxos constantes de correspondência dessa maneira. Juntos, formavam uma espécie de novela, com diversas subtramas. Ou melhor, formavam a metade de uma novela, cuja outra metade, a das “cartas enviadas”, infelizmente era inacessível aos seus olhos. Mas ele gostava de inventar essa outra parte, de rascunhar respostas elaboradas que jamais enviava, e, quando chegava uma nova carta, muitas vezes ficava espantado com a maneira como ela se encaixava naturalmente com a resposta secreta que tinha criado.

E assim eram as coisas. Bilodo vivia vidas alheias. Em vez da monotonia da existência real, preferia o mundo infinitamente mais colorido e emocionante do seu seriado particular. E, de todas as cartas clandestinas que compunham esse mundinho virtual fascinante, nenhuma mexia mais com ele ou o encantava mais do que as enviadas por Ségolène.





Ségolène vivia em Pointe-à-Pitre, no arquipélago de Guadalupe, e escrevia regularmente para um certo Gaston Grandpré, inquilino de um apartamento na rue des Hêtres. Já fazia dois anos que Bilodo lia a correspondência trocada entre os dois, e sempre que se via diante de uma das cartas dela, ao separar os pacotes na Central, era sacudido pelo mesmo choque, o mesmo arrepio de encantamento. Ele guardava sorrateiramente o achado no casaco e só se permitia demonstrar qualquer emoção quando já estava sozinho na rua, virando e revirando o envelope nas mãos, tateando a promessa instigante que havia lá dentro. Ele poderia abri-lo naquela hora e se deliciar com as palavras que trazia, mas preferia esperar. Tudo o que se permitia ali era o prazer ligeiro de inspirar a fragrância de laranjas que emanava da carta, antes de devolvê-la para o bolso, onde a manteria o dia inteiro em cima do coração, resistindo ao impulso, adiando o prazer até a noite, até depois de a louça estar lavada. E, então, era chegado o momento. Ele queimava umas gotas de um óleo aromático cítrico, acendia algumas velas, punha para tocar um jazz norueguês bem onírico e depois, finalmente, soltava a cola do envelope, pegava cuidadosamente o papel contido lá dentro e lia:

Na água translúcida
o bebê que nada
feito lontra brincalhona

Bilodo era capaz de enxergar. Ele via a imagem vívida da pele jovem e

nua envolta na luminescência aquosa da piscina pós-natal enquanto o recém-nascido nadava na sua direção como se o carteiro fosse a sua mãe, como se estivesse indo para os braços estendidos de uma sereia que seria a sua mãe, e que o observava com olhos espantados de salamandra, num tom profundo de azul. O bebê não sabia que não tinha aprendido a nadar, ainda não se esquecera de como se faz isso. Ele não tinha ideia do perigo, de que estava envolto em um elemento estranho, de que havia a chance de se afogar. O bebê ignorava essas coisas todas e simplesmente movia os braços e pernas por instinto, mantendo a boca fechada, simplesmente nadando. E Bilodo podia enxergar com clareza o pequeno pinípede – o engraçado gnomo subaquático com o rosto enrugado que os bebês novinhos sempre têm, e as narinas envoltas em bolhas enquanto flanava na água voluptuosa; e ele ria do inesperado da coisa, ria porque era divertido e porque era comvente. E *ele* achava que estava flutuando também. Conseguia ouvir o rugido da água nos seus tímpanos. Sentia como se estivesse dentro da piscina com o bebê, pois esse era o poder de sugestão dos tais poeminhas esquisitos que Ségolène escrevia: faziam você sentir coisas, permitindo que fosse capaz de vê-las.

As cartas da mulher de Guadalupe não traziam mais nada. Eram sempre uma única folha de papel, contendo um único poema. Podia não parecer muita coisa, mas ainda assim eram cartas generosas, visto que os tais poemas nutriam o leitor como se fossem romances inteiros – calavam fundo na alma, e ecoavam eternamente lá dentro. Bilodo sabia todos de cor, e os recitava para si mesmo na sua ronda matinal. Ele os guardava como se fossem um tesouro na gaveta de cima da sua mesa de cabeceira, e gostava de espalhá-los à sua volta todas as noites, construindo uma espécie de círculo místico, para então relê-los um após o outro...

O céu lento flui
irromper das nuvens
icebergs que avançam sem rumo

afastando a concha
o caranguejo queen bungee
mergulha, a final

Ribombar na rua
Martelam janelas

Um ciclone se aproxima

De noite no mar
o tubarão sonolento
masca peixe-lua

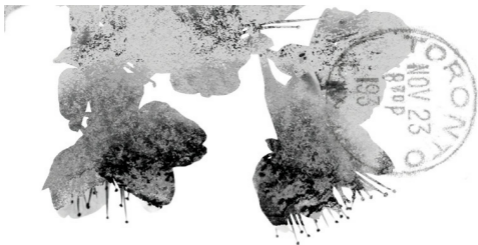
Dançam tigelas instáveis
Na mesa, a toalha
infla com a brisa

Os poemas de Ségolène, por mais que fossem muito diferentes entre si, tinham todos a mesma forma, sempre com três versos: dois com cinco e um com sete sílabas, somando sempre dezessete sílabas – nem mais, nem menos. Sempre a mesma estrutura misteriosa, como se fossem regidos por um código. Como achava óbvio que só podia haver um propósito específico por trás de tamanha consistência, Bilodo se pegou pensando sem parar no assunto até que um dia, depois de meses de suposições incertas, ele descobriu por acaso do que se tratava. Era uma manhã de sábado. Ele estava tomando café no Madelinot enquanto lia a seção de entretenimento do jornal. De repente, a visão de três linhas de texto isoladas no alto da página parecendo formar um poema curto fez Bilodo engasgar com o café. O poema tinha dois versos de cinco sílabas e um de sete. Em todos os outros aspectos, era uma estrofe bastante frustrante, que simplesmente tecia um comentário irônico sobre acontecimentos correntes. Não lembrava em nada os fragmentos vivos de eternidade criados por Ségolène. Mas o título da coluna do jornal provou-se revelador: “HAICAI DE SÁBADO”. Bilodo correu para casa e vasculhou o dicionário até achar a palavra:

Haicai/haicai/ *sm.* (pl. – AIS) **1** pequeno poema japonês composto por três versos, em geral com 17 sílabas, tratando muitas vezes de temas da natureza. **2** uma imitação dessa forma poética em outros idiomas. [F.: Do jap. *haiku*]

Então era isso. Os poemas escritos pela mulher de Guadalupe tinham esse nome. Depois desse dia, Bilodo consultou muitos livros contendo haicais na biblioteca – livros traduzidos do japonês que reuniam a obra de autores conhecidos, tais como Matsuo Bashō, Taneda Santōka, Nagata Kōi e Kobayashi Issa. Mas nenhum dos poemas escritos por esses homens produzia os efeitos dos versos de Ségolène, nenhum era capaz de levá-lo a lugares tão distantes nem fazê-lo enxergar as coisas de que falavam com tanta clareza, nem senti-las de um jeito tão pungente.

Sem dúvida, a caligrafia de Ségolène contribuía muito para aquela magia extraordinária: ela costumava usar a cursiva italiana mais graciosa que Bilodo já tivera a sorte de poder admirar. Eram traços ricos, cheios de imaginação, com mergulhos profundos e voos celestiais adornados por volteios opulentos e pingos distribuídos com precisão – uma escrita clara e fluida, admiravelmente bem-proporcionada com a sua inclinação de trinta graus exatos e o espaçamento impecável. A letra de Ségolène era um doce colírio para os olhos, um elixir, uma ode. Era uma sinfonia gráfica, uma apoteose. Era tão linda que fazia chorar. Tendo lido em algum lugar que a caligrafia era um reflexo da alma da pessoa que escreve, Bilodo logo concluiu que a alma de Ségolène só podia ser de uma pureza incomparável. Se os anjos pudessem escrever, certamente o fariam daquele jeito.



Bilodo sabia que Ségolène era professora primária em Pointe-à-Pitre, e sabia também que ela era linda. Ele vira a fotografia que fora enviada para Grandpré, muito provavelmente em troca de um retrato mandado antes por ele, uma vez que na parte de trás da foto havia um texto escrito à mão: “Adorei ser apresentada fotograficamente a você. Agora é minha vez. Essa sou eu, com meus alunos.” A foto trazia uma imagem dela no meio de um grupo de crianças sorridentes, mas era só o sorriso *dela* que importava aos olhos de Bilodo, e também o seu olhar profundo cor de esmeralda, que acertou em cheio o dele como uma onda quebrando no penhasco, reverberando feito eco. Ao ver a foto, o carteiro tinha tratado de digitalizá-la e depois imprimira uma cópia, que em seguida fora posta num porta-retratos na sua mesa de cabeceira, bem em cima da gaveta onde ficavam os haicais. Agora, ele podia olhar para Ségolène todas as noites antes de ir dormir, para logo depois sonhar com ela: com o sorriso, os olhos e todas as outras maravilhas da beleza física dela, com passeios românticos na beira da praia ao seu lado, o casario de Marie-Galante espreitando os dois ao entardecer e fileiras de nuvens alaranjadas cruzando o céu enquanto o vento brincava com os cabelos dela... Isso quando o mundo dos haicais não se infiltrava nas suas fantasias oníricas e o fazia sonhar que estava saltando com ela de *bungee-jump*, que os dois caíam juntos na ponta de um elástico muito comprido antes de mergulharem num oceano perfumado, passando por corais e peixes-lua, desviando de bebês anfíbios sob o olhar de tubarões sonolentos.

Bilodo estava apaixonado de um jeito como nunca tinha pensado que alguém

pudesse ficar. O espaço que Ségolène passara a ocupar no seu coração era tão imenso que às vezes ele chegava a ficar preocupado – tinha medo de que a própria vida não lhe pertencesse mais. Porém, bastava a leitura alquímica de alguns haicais para logo transformar a angústia em êxtase, e então ele agradecia à sua sorte por ter lhe dado esse presente, por ter posto aquela beladade de Guadalupe em seu caminho. A única sombra na sua felicidade era o ciúme que fervilhava no peito quando Bilodo se lembrava de que as cartas de Ségolène na verdade eram destinadas a outra pessoa. Sempre que terminava de ler um poema novo, sentia o ferrão da inveja espetá-lo ao selar novamente o envelope e ir, no dia seguinte, deixá-lo no escaninho do apartamento do tal sujeito, Gaston Grandpré, seu rival. Como ele tinha conhecido Ségolène? Que posição ocupava na vida dela? O bilhete atrás do retrato e o teor geral dos poemas não sugeriam nada mais do que uma amizade – e isso alegrava a Bilodo de certa forma –, mas ainda assim era para Grandpré, o sortudo, que as cartas da moça se destinavam. O carteiro de vez em quando o via de relance à porta do apartamento. Barbado, com um ar de desalinho, os cabelos desgrenhados e usando um eterno roupão vermelho extravagante, ele dava invariavelmente a impressão de que tinha passado a noite em claro. Um resmungão com jeito de cientista louco. Um vagabundo excêntrico. Como será que ele teria reagido, Bilodo se perguntava, ao encontrar mais uma carta dela no capacho da sua entrada? Será que saíra correndo para matar a sede no oásis daquelas palavras? Será que Grandpré sentia a mesma emoção que tanto tocava o carteiro? Os poemas de Ségolène o faziam enxergar algo também? As mesmas coisas que se formavam diante dos olhos dele próprio? E que respostas ele daria para aqueles versos?

À tardinha, quando passava pela porta do Madelinot outra vez a caminho de casa, Bilodo às vezes via Grandpré lá dentro, bebericando um café e escrevendo coisas num caderninho com ar inspirado. Será que ele escrevia poesia? Bilodo daria qualquer coisa para ser capaz de fazer o mesmo. Ele teria gostado de poder escrever respostas para as cartas de Ségolène do mesmo jeito que fazia com as dos seus outros correspondentes involuntários, mas se sentia incapaz disso, já que a única resposta possível para um dos haicais adoráveis enviados por ela seria outro haikai, composto pela mesma beleza. E como alguém como Bilodo, para quem a simples palavra *poesia* já parecia muito intimidadora, conseguiria fazer uma coisa dessas? Um humilde carteiro poderia se transformar em poeta da noite para o dia? Alguém nesta vida poderia esperar que um avestruz aprendesse a tocar banjo? Caracóis por acaso um dia sairiam andando de bicicleta? Ele tinha até chegado a tentar, uma ou duas vezes, e se saíra com uns arremedos de versos tão lamentáveis que ficara com vergonha de repetir a empreitada, temendo que ela acabasse desferindo um golpe contra o próprio espírito da poesia, algo que indiretamente fosse atingir as criações sagradas de Ségolène. Mas será que Grandpré tinha aquele dom tão raro? Ele escrevia haicais?

Será que o sujeito pelo menos fazia ideia da sorte que tinha? Será que ao menos nutria um quarto dos sentimentos que Bilodo guardava em seu coração para Ségolène? Ou um décimo, que fosse?

Na esteira da adoração de Bilodo por Ségolène, veio seu grande fascínio pela terra onde ela nascera, o porta-joias preparado pela natureza para realçar todo o brilho da sua amada. Muitas vezes vasculhava as prateleiras da seção de viagens das livrarias e passava horas na internet enchendo a cabeça com toda informação possível relativa a Guadalupe: a geologia do arquipélago, receitas da culinária local, as tradições musicais, o processo de fabricação do rum, a história da região, técnicas de pesca, botânica, arquitetura – avidamente, ele devorava tudo o que podia. Pouco a pouco, Bilodo foi se tornando um especialista na “Borboleta do Caribe”, embora nunca tivesse posto os pés nas ilhas. Poderia, claro, ter ido até lá, ter viajado para ver Guadalupe com os próprios olhos, mas nunca chegara a considerar seriamente essa ideia. Na verdade, ficava nervoso só de pensar nela, sendo o sujeito incuravelmente caseiro que era. Bilodo não tinha qualquer vontade de visitar fisicamente Guadalupe – ele só queria poder ser capaz de formar uma imagem detalhada das ilhas na cabeça para alimentar seus devaneios, e ambientá-los num cenário realista, uma imagem que fosse digna de Ségolène. Assim, podia fantasiar com ela em alta definição, usando toda a tecnologia mental necessária.

Bilodo sonhava com a moça descendo de bicicleta a Allée Dumanoir, pedalando pelo meio das palmeiras-reais que margeavam orgulhosamente a avenida. Sonhava com ela passeando pelo La Darse nas tardes de folga da escola, ou fazendo compras no Marché Saint-Antoine, perambulando pelo espaço coberto e amplo do mercado entre pilhas multicoloridas de bananas e inhames, batatas-doces e pimentas malaguetas, abacaxis, madeiras, malangas e carambolas – sem esquecer ainda as ervas, a canela, o pó-de-colombo, o açafrão, a baunilha, a mirica e o curry, que exalavam uma nuvem de aromas misturados com perfeição para aguçar os sentidos. E, ao lado delas, os refrescos e as caldas, os doces e cestos, as flores, periquitos e vassouras, sem falar das poções, infusões capazes de trazer alívio ou fidelidade, riqueza ou amor eterno, e de outros preparados mágicos destinados a curar todos os males do mundo.

Ele sonhava com ela todas as noites, e o cenário desses filmes oníricos sempre estrelados por Ségolène era a ilha de Guadalupe com suas ruas sinuosas e seus canaviais, suas trilhas íngremes pelo meio de matas cheias de orquídeas e samambaias gigantes, suas montanhas com os topos enevoados e os riscos oferecidos pelos riachos e cataratas descendo por encostas verdes de musgo. E também a silhueta alta do La Soufrière, adormecido, mas sempre ameaçador, as cidadezinhas iluminadas, com seus telhados de metal vermelho e os cemitérios cheios de túmulos quadriculados de preto e branco decorados com conchas. O carnaval das ilhas, a música, os tocadores de *gwoka*, as diabas vestidas de vermelho e as outras dançarinas com roupas multicoloridas, balançando os quadris ao som dos tambores com a mente embalada por muito rum.

Guadalupe, com seus pântanos e suas goiabas, suas ilhas e ilhotas, as arraias flinando perto da superfície da água do mar, os corais rendados, as tainhas, garoupas e peixes-voadores, e os pescadores de Les Saintes, com suas cabeças protegidas por *salakos* enquanto remendam as redes. O calcário acidentado e batido pelas ondas do litoral norte de Basse-Terre, que dá lugar de repente a enseadas surpreendentemente tranquilas e a praias douradas, Ségolène nadando nas ondas de um mar azul como seus olhos, com o sol apressando-se para conquistar de volta essa segunda Vênus no instante em que ela deixar as águas e emergir na direção da areia, andando graciosa – nua, mas sem perder o recato, ainda com algumas gotas de água nos seios e outras escorrendo pela pelagem dourada do seu ventre.

Bilodo sonhava, sem querer mais nada; ele só desejava poder continuar desse jeito, saboreando seus devaneios estonteantes e as visões incríveis que eram conjuradas pelas palavras de Ségolène. O seu único desejo era manter o prazer da sua situação, sem nada que atrapalhasse seu êxtase discreto. E nada atrapalhou, até o dia fatídico em que o acidente aconteceu.





Era uma manhã de tempestade no final de agosto. O céu pesado trovejava a distância, parecendo não conseguir decidir se derramaria tudo de uma vez só ou não – mas isso não perturbava Bilodo, que acreditava na impermeabilidade da capa de chuva reforçada fornecida pelos Correios. Num passo determinado que nenhum céu escuro seria capaz de retardar, ele subia e descia ao longo da rue des Hêtres, vencendo escada após escada, quando deu de cara com o amigo Robert, que acabava de transferir o conteúdo de uma caixa de correio para seu furgão.

Os dois raramente se encontravam dessa maneira – o esvaziamento dessa caixa em especial costumava ser feito antes que Bilodo passasse por aquele trecho –, mas Robert explicou que tinha acordado um pouco atrasado depois da noite animada que passara com uma certa Brenda, a garota incrível que ele conhecera num bar. Depois dos cumprimentos e de algumas provocações bem-humoradas de parte a parte, Bilodo pensou em retomar a ronda, mas Robert o fez ficar – ainda tinha muita coisa para contar a respeito da sua mais nova conquista amorosa, e além disso estava pensando em convidar o amigo para sair naquela mesma noite, só os dois, com Brenda e uma amiga dela, uma garota com um belo potencial erótico. Bilodo suspirou. As tentativas incessantes que Robert fazia para lhe arrumar uma namorada eram uma chateação. O colega desaprovava sua solteirice permanente, dizia que era anti-higiênica, e tinha lhe arranjado o apelido irônico de “Libido”. Robert assumira para si a missão de casamenteiro da dupla, e tentava conseguir companhia para Bilodo de qualquer maneira, criando perfis sem ele saber em agências on-line de encontros e publicando anúncios explícitos com seu número de telefone nos classificados sexuais das revistas mais badaladas.

Essas iniciativas irritavam Bilodo. Ele não tinha mais coragem de

atender o telefone, e sua secretária eletrônica vivia lotada de recados. Mas nunca poderia ficar ressentido com Robert por causa disso, claro, pois sabia que a intenção do amigo era boa. Ele tinha esse trabalho todo só para ajudá-lo, afinal de contas. Robert exagerava, claro, como fazia com tudo, mas continuava sendo o melhor amigo que Bilodo tinha no mundo, não continuava? E o carteiro tentava gostar dele do jeito que ele era – com toda a vulgaridade, o egoísmo, a hipocrisia e o oportunismo, com a mania compulsiva de exagerar as coisas, e ainda por cima com mau hálito.

Embora, no entanto, estivesse disposto a perdoar Robert por essas pequenas falhas de caráter, Bilodo detestava o tipo de orgia aleatória para a qual estava sendo convidado. E, como Robert não era sujeito de se contentar facilmente com um *não*, seria preciso inventar logo alguma desculpa plausível – uma que não fosse soar esfarrapada demais. E era isso que Bilodo estava ocupado em fazer quando a tempestade começou.

Primeiro veio o baque repentino de um trovão, como se um saco enorme de salgadinhos tivesse sido aberto lá no alto, e então o céu todo rachou. A chuva caiu numa cortina grossa, limitando a visibilidade a um raio de poucos metros. Robert correu de volta para o furgão e convidou Bilodo para entrar também, ou ele acabaria ficando encharcado. E o carteiro pensou que sim, que seria melhor esperar a tempestade acalmar um pouco, e então aceitou o convite e começou a contornar o veículo. Nesse momento, um grito vindo do outro lado da rua atraiu sua atenção. Bilodo deu meia-volta e se deparou com Grandpré, o correspondente de Ségolène, o homem do eterno roupão vermelho, na sacada do terceiro andar do seu prédio bem do lado oposto da rua.

Abrindo um guarda-chuva, Grandpré disparou escada abaixo, brandindo na mão uma carta que sem dúvida queria que fosse enviada antes que Robert partisse. Bilodo viu quando ele correu desatento para a rua, que a essa altura já tinha virado rio. Sem se dar ao trabalho de olhar se o caminho estava livre, Grandpré se lançou na direção dos dois, acenando, pedindo que esperassem, e não viu o caminhão chegando, avançando para onde eles estavam, abrindo caminho pelo aguaceiro. Bilodo estendeu o braço, gritou um alerta inarticulado para Grandpré ao mesmo tempo em que a buzina do caminhão soava, mas já era tarde demais. Os freios guincharam, os pneus derraparam no calçamento molhado, ouviu-se um baque. O veículo pareceu parar imediatamente, como se toda sua energia cinética tivesse sido transferida para Grandpré, que teve o corpo arremessado no ar feito um boneco de trapos gigante e depois caiu molengo perto da calçada, uns dez metros à frente.

Carros pararam. O mundo ficou em suspenso. Por alguns instantes, os únicos barulhos foram o zumbido dos motores em ponto morto, o estalar da

chuva batendo no asfalto e batucando no teto dos carros. Grandpré agora era um amontoado disforme que alguém talvez poderia confundir com um fardo de roupa suja caído do braço de um passante, não fossem os tremores e os espasmos assustadores que sacudiam seu corpo. Robert, o primeiro a reagir, deu passos para a frente. Bilodo o seguiu, e os dois se ajoelharam perto de Grandpré, que continuava ali largado, quebrado, os membros dobrados em ângulos absurdos, a barba farta respingada de um sangue espesso que a chuva, por mais forte que fosse, não conseguia lavar. O coitado estava consciente. Seus olhos encararam Robert, depois Bilodo, com um ar estupefato de descrença, os cílios tremulando como as asas de borboletas gêmeas, o olhar embaçado pela tempestade. A mão direita ainda segurava a carta que queria tanto enviar, e Bilodo viu que era endereçada para Ségolène.

Um riacho cada vez mais vermelho corria pela sarjeta. O sujeito não resistiria. Quando começou a se debater desesperado em busca de ar, Bilodo pensou que, pronto, sua hora tinha chegado, mas então brotaram uns arquejos esquisitos da boca de Grandpré. Em choque, o carteiro percebeu que o moribundo estava rindo. Aquilo certamente era um riso – rascante e oco, monocórdio, fantasmagórico. Bilodo sentiu um calafrio e notou que não tinha sido o único: as outras testemunhas da cena pareciam igualmente desconcertadas com aquela risada sinistra saída de uma garganta à beira da morte. Grandpré continuou rindo por um tempo, como se de uma piada ruim. Depois parou, engasgando-se num acesso de tosse, cuspidando perdigotos escarlates.

Girando a cabeça com um esforço enorme, fitou a carta ensanguentada na mão enquanto os dedos apertavam com mais força o envelope. E fechou os olhos, cerrando os dentes; a impressão era de que estava concentrando todas as forças que lhe restavam na última expressão da sua vontade, no gesto de segurar aquela carta. Então de repente ele pronunciou algumas sílabas, mas tão baixo que só Bilodo e Robert, debruçados sobre seu corpo, puderam escutar. Ele murmurou alguma coisa indistinta que soava como “AN-ZOL”. E em seguida, de uma vez só, a coisa acabou. As pálpebras se abriram muito e as pupilas se dilataram, vidradas. Os olhos de Grandpré se encheram de chuva, formando dois lagos minúsculos enquanto sua última palavra, enigmática, ecoava na cabeça de Bilodo. O que podia significar aquele “AN-ZOL”? O que o morto teria querido dizer? Por um breve instante, Bilodo se sentiu tentado a vasculhar os bolsos de Grandpré atrás de algum anzol guardado para uma pescaria importante, mas depois ficou pensando se não teria entendido mal a palavra. Considerando os gemidos angustiados que a acompanharam, não seria mais correto supor que Grandpré havia dito ES-TOU – numa referência àquele seu mergulho final no desconhecido, o início iminente da sua viagem rumo ao mistério do Além, que ele sabia que estava para acontecer?

Nesse instante, Bilodo viu que a carta não estava mais na mão do morto. Grandpré devia ter aberto os dedos no momento da morte, e o envelope caíra na sarjeta e fora levado pela água corrente. O carteiro o avistou flutuando para longe entre os pés das pessoas aglomeradas ao redor, tragado para fora

daquele círculo fúnebre pela corredeira que rumava para a cascata de um bueiro. Num salto, ele se lançou atrás do envelope, atropelando as testemunhas da tragédia. Bilodo sabia que precisava recuperar aquela carta a todo custo. Depois da corrida, inclinou o corpo e estendeu a mão para pegá-la. Chegou a sentir o braço se alongar, os dedos se esticando além do possível, tentando alcançar... mas, por uma fração de segundo atrasado a carta foi-se esgoto abaixo. Ainda sob o impulso da corrida, Bilodo tropeçou e caiu de costas bem na água gelada. Um raio atravessou o céu nesse momento exato, e uma constatação igualmente cegante iluminou Bilodo: o desaparecimento daquela carta, engolida pelas entranhas da sarjeta, acabara de cortar o único laço que o unia a Ségolène.



Bilodo estava de péssimo humor quando saiu para a ronda do dia seguinte, e a seus olhos pareceu que o sol também estava de luto, irradiando apenas o tipo de luz fria que se vê naqueles filmes antigos em preto e branco. Chegando à rue des Hêtres, ele parou na calçada bem no lugar onde Grandpré tinha caído e ficou perturbado ao constatar que não restava vestígio nenhum da tragédia, nem uma última manchinha de sangue. A chuva tinha levado tudo embora.

A imagem assustadora do envelope sendo engolido pelo esgoto se repetia sem parar na cabeça de Bilodo. Ele se sentia mal por não ter ficado mais atento. Ah, se pelo menos tivesse conseguido pegar a carta, se tivesse lido e descoberto o que Grandpré escrevia para Ségolène... O carteiro se perguntava se teria deixado que ela seguisse seu destino depois. Era muito provável que sim, claro, nem que fosse só para adiar o inevitável. Mas não adiantava pensar nisso. Ségolène não iria receber aquela carta, e por isso não mandaria sua resposta, e Bilodo nunca mais poderia ler os poemas da moça. A morte de Grandpré punha um ponto final naquela preciosa correspondência, que vinha sendo o grande tempero da sua vida. E poderia haver algo mais terrível do que se ver impotente diante de uma situação dessas?

Um pouco mais tarde, já descendo a rua na direção oposta, Bilodo chegou à porta do falecido e enfiou as contas e panfletos de sempre no escaninho, sabendo muito bem que aquele era um gesto inútil, que a correspondência ficaria simplesmente empilhada do outro lado até que talvez um “Pedido de Cancelamento de Serviço” chegasse aos Correios.

Pensativo, imaginou o interior daquele apartamento desconhecido, onde a partir de agora reinaria o silêncio e o tempo ficaria estagnado, onde os únicos vestígios da jornada terrena de Grandpré seriam alguns móveis, objetos, umas peças de roupa em cabides intocados, algumas fotografias e palavras escritas.

A morte de Grandpré não provocou grande comoção na vizinhança, porque as pessoas mal o conheciam. No Madelinot, Tania pôs um cravo na mesa onde ele gostava de se sentar quando aparecia para tomar um café. E foi só isso. Então tinha sido assim que o sujeito deixara este mundo, pensou Bilodo: por acidente, sem causar problemas nem deixar rastro, como uma andorinha cruzando velozmente o céu; e fora esquecido tão depressa quanto um esquilo atropelado sem querer no meio de uma estrada.

Tinha sido assim.

Nada parecia ter mudado. Bilodo se levantou de manhã cedo e foi para o trabalho, almoçou no Madelinot, depois voltou para casa. Sua existência parecia ter seguido inalteradamente o rumo de sempre, mas isso era apenas nas aparências. Por baixo do espelho de mar sem vento que era a sua rotina diária, acontecia uma mudança sutil e que quase passava despercebida.

Primeiro, foi só uma sensação de desgaste, uma tristeza que ele atribuiu à mudança de estação, aos dias que andavam mais curtos com a proximidade do outono. Mas logo os sintomas de um mal-estar mais profundo começaram a surgir: ao recolher um novo envelope da sua velha e boa correspondência clandestina, Bilodo se deu conta de que essa atividade, tão empolgante em outros tempos, estava começando a parecer maçante. Sua novela preferida andava chata: nenhuma das subtramas conseguia mais prender seu interesse. Eventos dramáticos da vida das outras pessoas tinham deixado de fasciná-lo.

No dia seguinte, na Central de Triagem, ele não conseguiu separar a correspondência com a agilidade de sempre. Começou a errar o alvo vez sim, vez não, até que por fim teve que se conformar com a ideia de fazer aquilo do jeito convencional mesmo. Atrasou-se vinte minutos para sair e esperava que o vento da manhã batendo em seu rosto lhe desse uma injeção de ânimo, mas começou a sentir sua energia se esvaindo depois de meros três quilômetros de caminhada. E a coisa ficou ainda pior quando chegou o momento de encarar as escadas sucessivas da rue des Hêtres: foi preciso parar para tomar ar depois da vigésima quarta, e ele só conseguiu terminar a rota juntando muita força de vontade, mesmo assim tendo feito nada menos que seis paradas ao longo do percurso. O que estava acontecendo? Será que estava ficando gripado?

Quando chegou ao Madelinot, Bilodo percebeu que estava sem apetite nenhum – logo ele, que geralmente devorava a comida – e pediu só uma sopa de legumes, que nem conseguiu terminar. Ele não se deu ao trabalho de pegar o material de caligrafia, não estava com vontade de praticar, e decidiu voltar imediatamente à sua ronda para compensar o tempo perdido. Estava sentindo uma confusão mental que não era nada típica. Desatento, preocupado sem saber exatamente com o quê, atravessou uma rua no sinal vermelho e por pouco não acabou sendo atingido por um carro. Mas foi escapar de Caribdis

para cair nas garras de Cila: pouco depois, enquanto enfiava um bolo de panfletos na caixa de correio de uma casa, Bilodo foi atacado por um cachorro preso a uma corrente. O animal, caolho e chamado literalmente de Polifemo – de acordo com a plaquinha presa no canil –, deu-lhe uma mordida feroz no tornozelo direito, só abrindo a mandíbula depois que o dono, atraído pelos gritos, bateu nele com as costas de uma pá. É isso que acontece quando os deuses se voltam contra você.

Quando o incidente com o cachorro foi resolvido – tomadas as vacinas contra raiva e feito o curativo depois de uma espera de seis horas no pronto-socorro –, e o périplo necessário enfim foi encerrado, já era bem tarde. No táxi, a caminho de casa, Bilodo sentiu vontade de também espalhar uns bons golpes de pá por aí. As pontadas fundas da dor na perna só contribuíram para alimentar sua ira. Ele queria se rebelar, mas o que poderia fazer contra a maldição que sentia roçar-lhe os calcanhares desde o início daquele dia terrível, em que absolutamente tudo dera errado? Em casa, trancou bem a porta do seu casulo e ficou perambulando para cima e para baixo na sala de estar atrás de uma válvula de escape para a raiva. Ligou o computador e despejou sua fúria nos rebeldes malvados do planeta Xion. Martelando sem dó os botões dos comandos, massacrou hordas de criaturas cheias de tentáculos, avançou fases no jogo, bateu recordes de pontuação, mas não conseguiu acalmar a raiva que revirava suas entranhas.

Enfim, foi se deitar, exausto, e encontrou um pouco de paz olhando para o retrato de Ségolène. Ficou imaginando a linda mulher de Guadalupe abrindo a caixa de correio todas as manhãs, na esperança de encontrar uma resposta de Grandpré que não chegaria nunca. Chegou a pensar rapidamente que poderia escrever a ela para avisar do falecimento do seu correspondente, mas obviamente não teria como fazer uma coisa dessas – seria trair a si mesmo, admitir que tinha cometido aquela indiscrição. Por quanto tempo Ségolène continuaria esperando, se perguntou ele, antes de enfim desistir?

Aconteceu durante a tempestade na rue des Hêtres, logo depois do acidente, mas, em vez de Grandpré, era Ségolène quem jazia inerte no asfalto. Ela estava toda ensanguentada, morrendo. A jovem estendeu uma mão trêmula para Bilodo, implorando que não se esquecesse dela... e ele acordou num sobressalto, ofegante, arrepiado até os ossos. E teve dificuldade para voltar ao mundo real porque o pesadelo continuava ecoando, não parava de projetar imagens mórbidas na sua mente. Ansioso para dissipar o pavor que tomara

conta dele, Bilodo espalhou os haicais de Ségolène ao seu redor criando um círculo de proteção contra a escuridão ameaçadora. E começou a lê-los em voz alta, como se faz com tantos feitiços desse tipo. Só que isso serviu apenas para aumentar ainda mais seu desespero depois que ele notou que as palavras se recusaram a criar a melodia esperada: assim que eram pronunciadas, a noite ia tragando uma a uma, e as visões reconfortantes que elas deviam conjurar deixavam de aparecer. Os haicais de repente soaram estéreis. Com os versos precisamente organizados nos papéis que mais pareciam flores murchas numa estufa, eles agora estavam sem vida, exalando não mais que um resquício do seu perfume.

Bilodo sacudiu as páginas, querendo reavivar a magia delas, mas só o que conseguiu com isso foi amassar o papel. Até mesmo as palavras de Ségolène tinham lhe dado as costas. E nesse momento, pela primeira vez na vida – a primeira mesmo –, ele sentiu a solidão que o envolvia. Era como uma onda enorme e certa, empurrando-o para as profundezas de si mesmo, levando-o para os recantos mais escuros do leito do oceano, onde um redemoinho irresistível o tragara na direção de um abismo monstruoso, uma grade de bueiro gigantesca onde ele se debatia na tentativa de agarrar uma salvação qualquer, tomado pela mais profunda agonia.

Num laivo estranho de lucidez, Bilodo percebeu que não conseguiria seguir vivendo sem Ségolène, que não sobreviveria, que nada mais poderia fazer sentido ou ter importância; a beleza e o desejo desaparecidos para sempre da sua vida, a paz de espírito era agora um conceito abstrato flutuando para longe com todas as outras emoções que ele provavelmente não voltaria a sentir, deixando-o para trás como uma casca abandonada. Um navio fantasma, sem ninguém segurando o leme e sem combustível, empurrado ao sabor das correntes até por fim ser detido pelo sargaço, os ramos viscosos invadindo as escotilhas e puxando-o até levá-lo de vez para o fundo.

Que perspectiva terrível. Aquela história terminaria mesmo dessa maneira tão estúpida? Será que Bilodo não deveria fazer alguma coisa, tentar pensar em algo? Haveria alguma forma de evitar o naufrágio? Haveria uma boia à qual se segurar, um jeito de superar aquele desamparo, algum método para contornar o destino, para evitar que Ségolène fosse tirada de sua vida?

E foi então, no auge da sua angústia, que uma ideia ocorreu a Bilodo.

Era uma ideia brilhante – original, inspirada, *tão* ousada que Bilodo se assustou e tratou de abafá-la depressa. Porque a ideia era maluca demais, perigosamente absurda demais, muito arriscada, e provavelmente inviável de qualquer maneira. Uma ideia louca, disparatada, que só alguém que não batesse bem da cabeça seria capaz de considerar seriamente; uma ideia que devia ser rejeitada e esquecida o mais depressa possível, por receio de que

talvez pudesse se proliferar. Para fixar a mente em outra coisa, Bilodo pegou seu videogame e iniciou um ataque violento contra os rebeldes de Xion, mas mesmo assim a ideia se recusou a ser expulsa e continuou arranhando os ladrilhos do piso, exigindo ser trazida de volta à luz. Até que, por fim, cansado de resistir, Bilodo se conformou em examiná-la mais uma vez.

Talvez não fosse um plano tão maluco assim, afinal de contas. Era apavorante, sim, cheio de riscos psicológicos envolvidos, mas talvez não fosse impossível colocá-lo em prática. Se ainda existia alguma chance de refazer o laço e encontrar o caminho de volta até Ségolène, *essa* certamente seria a maneira de conseguir isso. E, no momento em que a claridade pálida de um novo dia começava a despontar, Bilodo ergueu os olhos: ele compreendeu que não tinha mais nenhuma opção, que precisava ao menos tentar.





O rachar da vidraça foi abafado pelo tecido grosso e áspero da toalha. Aguçando os sentidos ao máximo, Bilodo procurou por qualquer vestígio de reação nas portas e sacadas vizinhas, espiou a escuridão na viela lateral lá embaixo, mas nada se mexeu. Ele empurrou o vidro, fazendo os cacos caírem no lado de dentro. Bilodo então passou a mão pelo buraco, encontrou a fechadura e abriu a porta, a que dava para o apartamento de Grandpré pela entrada dos fundos, para em seguida fechá-la depressa. Ele estava lá dentro. Tinha feito aquilo.

Um cheiro doce repugnante logo invadiu suas narinas. Era a cozinha do apartamento. Ele ligou a lanterna e começou a avançar com os passos mais leves que conseguiu, tentando praticamente levitar sobre as placas rangentes do assoalho. Não havia nem mesa nem cadeiras na cozinha. O tal cheiro vinha do balcão; algo tinha sido esquecido ali e estava apodrecendo dentro da embalagem. Um peixe, talvez. Depois de atravessar a cozinha, ele se aventurou pelo corredor. O chão era coberto por um material macio – não propriamente um tapete, mas algum tipo de manta fina, que parecia estar estendida no chão dos outros cômodos também. No corredor, havia três portas. A primeira dava para um quarto, a segunda, para um banheiro pequeno. No final ficava a sala, dividida ao meio por uma espécie de painel grande. Bilodo desviou de uma escultura baixinha de formato esquisito e foi para trás da divisória, onde se viu diante de uma escrivaninha e uma cadeira com rodinhas. Depois de checar se as persianas estavam bem fechadas, ele se sentou na cadeira.

O fecho da lanterna varreu a mesa, revelando um computador, um calendário, algumas bugigangas, um dicionário, canetas e papéis variados. Quando examinou os papéis, Bilodo logo encontrou o que estava procurando: folhas cobertas por uma escrita que só podia ser a de Grandpré. E, na primeira gaveta, fez uma descoberta ainda mais empolgante: poemas da autoria do falecido – haicais. Um maço inteiro deles. Logo ao lado disso,

Bilodo encontrou os de Ségolène, os haicais originais dela, dos quais ele só tinha cópias. E o retrato da moça!

Tomado pela emoção, Bilodo admirou aquele sorriso que tanto acalentava sua alma, aquele olhar amendoado que lhe provocava devaneios, e depois sentiu o cheiro das páginas que tinham estado nas mãos de Ségolène, que ainda traziam o perfume dela, e beijou o papel. Um único momento de êxtase assim era suficiente para justificar os riscos que ele correria, mas sua missão ainda não estava concluída: retomando a busca, Bilodo vasculhou as outras gavetas. O que esperava descobrir, mais do que tudo, era um rascunho da última carta escrita por Grandpré, aquela que acabara sendo desgraçadamente tragada pelo esgoto, porque afinal esse era o objetivo maior da sua expedição. Mas, mal a procura havia começado, ele ouviu vozes do lado de fora da casa, pessoas conversando nas escadas. Levantando-se em um salto, apagou a lanterna. Seriam só os vizinhos, a caminho de algum dos andares mais acima? Ou a polícia, chegando para prender o ladrão desprezível que ele era? Bilodo não ficaria ali para descobrir: depois de enfiar todos os papéis que conseguiu dentro do casaco, ele saiu em disparada, esbarrando na escultura idiota largada no meio da sala. Escapou pela porta dos fundos, correu escada abaixo, depois rumou na velocidade do som para a saída da viela. E não ousou reduzir o passo até estar dois quarteirões adiante, até se certificar de que não estava sendo seguido. Então, obrigou-se a caminhar da maneira mais natural possível para não atrair atenção, mesmo com o coração ainda acelerado, batendo mais que um tambor.

Depois de um longo banho que deveria levar embora o suor do crime, Bilodo sentou-se à sua mesa e releu os haicais de Ségolène. E ficou encantado com a constatação de que os poeminhas tinham recuperado sua vitalidade completa. Depois, contando com a cumplicidade discreta de Bill, deu uma olhada nos outros papéis roubados, examinando com especial interesse os haicais de Grandpré, que confirmavam uma suspeita antiga sua: aqueles dois praticavam – ou tinham praticado – algum tipo de intercâmbio poético. Entretanto, os versos de Grandpré pareciam muito diferentes dos escritos por Ségolène. Não na forma, mas no espírito:

O giro das ondas
contra pedras rudes –
o tempo corre em volteios

Fumaça demais
poluição na cidade
tome de enfisema

Agitam o mar
e vergam as árvores
um zumbido sai da terra

Coelho sagaz
Sai da toca apenas
se não há ninguém ali

Para ir além
espie atrás do cenário
e defronte a Morte

Era um tipo mais sombrio de poesia do que aquele encontrado nos versos de Ségolène, mais dramático, embora fosse igualmente evocativo: os haicais de Grandpré também faziam o leitor ver coisas, só que através de um par de lentes escuras. Havia quase uma centena deles. O problema era que as folhas não tinham números. Não havia indicação da ordem em que haviam sido escritos nem enviados para Ségolène, nenhum meio de saber qual era o último haicai, aquele que nunca chegou às mãos dela.

Bilodo pôs o retrato original da moça na sua mesa de cabeceira. Depois, com o corpo estirado no escuro, ficou pensando em qual seria o passo seguinte, agora que a primeira fase do seu plano já estava cumprida. Iniciar a segunda? Será que ele teria mesmo coragem de levar adiante uma ideia tão louca?

Bilodo pegou no sono e teve um sonho estranho. Sonhou com Gaston Grandpré caído à beira da morte no meio da rue des Hêtres do mesmo jeito que tinha estado na vida real – exceto pelo fato de que o moribundo do sonho não parecia estar sofrendo nem um pouco. Ao contrário, a expressão dele era de quem se divertia com aquilo, e Bilodo chegou até a vê-lo piscar com um ar conspiratório.

Ao raiar do dia, logo depois de acordar, Bilodo decidiu ir em frente com o que havia tramado. Pela primeira vez em cinco anos ele ligou para a agência dos Correios dizendo que não ia porque estava doente; depois, sem nem perder tempo tomando um café, debruçou-se sobre os papéis de Grandpré para estudar sua escrita, evocando toda a experiência que acumulara na arte da caligrafia.

Um exame detalhado da produção textual do falecido logo revelou um detalhe peculiar: espalhado por toda parte nos papéis, às vezes bem no meio de um dos poemas, havia o desenho de um símbolo específico. Um círculo, decorado com floreios mais ou menos detalhados – poderia se tratar de um *O* estilizado, talvez? –, que o autor parecia inserir obsessivamente aqui e ali. Esse *O* teria um significado especial? A Bilodo só restavam especulações. O traço da letra em si era interessante, amplo e vigoroso. O movimento da caneta era forte, angular, e combinava de maneira ousada as cursivas com letras de forma, marcando o papel com sulcos fundos. Um pouco como a escrita máscula que Bilodo gostaria de ter. Fosse como fosse, ele sentia que seria capaz de imitá-la. Escolhendo o mesmo tipo de esferográfica usado por Grandpré, o carteiro fez as primeiras tentativas, copiando com a mão hesitante trechos dos poemas do morto.

O primeiro caderno foi todo preenchido até pouco antes do meio-dia. O almoço de Bilodo foi uma lata de sardinhas, que ele comeu de pé enquanto pisoteava distraidamente as folhas amassadas pelo chão. Ele então se lançou ao trabalho outra vez e praticou até cair a noite, quando teve que parar por causa de uma cãibra. Enquanto massageava o pulso dolorido, chegou a perder a coragem por um instante e pensou em desistir. Mas se reanimou ao visualizar mentalmente Ségolène à espera na ilha, e pegou de volta a caneta com uma energia renovada.

Bem depois de escurecer, Bilodo enfim se deu por satisfeito; conseguira produzir uma imitação razoavelmente boa da caligrafia do morto. Desse modo, foi concluída a segunda parte do plano. Mas o carteiro tomou o cuidado de não comemorar o triunfo; em vez disso, preparou-se para enfrentar o desafio seguinte, que seria bastante considerável. Porque, afinal, conseguir imitar a letra não era tudo – Bilodo precisaria também saber o que escrever.

Ele tomara a decisão de evitar deliberadamente pensar nessa questão até aquele momento, concentrando-se no aspecto técnico da sua tarefa, mas já não seria mais possível adiar. Aprender a imitar a letra de Grandpré era uma coisa, mas outra bem mais importante era conseguir escrever o que Grandpré teria escrito. Agora, Bilodo precisaria se aventurar em território desconhecido, na terra estrangeira da poesia, para dar um jeito de compor um haikai que pudesse passar por genuíno aos olhos de Ségolène.

A habilidade que tinha de se esgueirar para as palavras de outras pessoas não o ajudou nesse caso – quando raiou o dia, tudo o que Bilodo havia conseguido escrever era *água*, só essa única palavra, inspirada pelo último dos haicais de Ségolène sobre o bebê nadador. Ele não arranjava nada de inteligente para juntar a ela. Obviamente, não era difícil descobrir uma lista de qualidades possíveis: água clara, água que flui, água parada. Mas isso soaria de algum jeito poético? Ele passou a manhã mergulhado num transe, lutando para acrescentar algo à sua *água* que a fizesse ganhar transcendência. Aguardante? Água corrente? Fervilhante?

Aguapé?

Depois de ter se permitido tirar um cochilo ligeiro, sonhou que estava se afogando. E acordou bem a tempo de encher os pulmões de ar antes de voltar para a página em branco. Meia-água? Água benta? Cama d'água?

Pular dentro d'água?

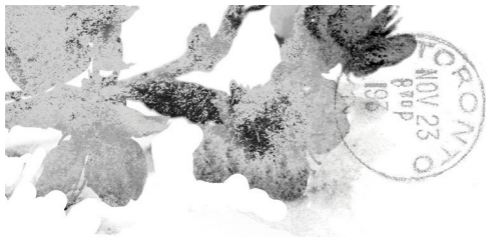
Por água abaixo?

Então, deixando-se cativar pelos movimentos circulares de Bill no seu aquário, enfim pôs-se a escrever: “Peixe na água.” Isso já era um verso com cinco sílabas. Quase um terço do seu terceto.

Bilodo lançou um olhar crítico para as palavras, depois riscou um *X* em cima delas.

Três palavras, e nenhuma o tinha deixado satisfeito. Seguindo nesse ritmo, ele ainda estaria tentando pescar alguma ideia quando chegasse o Natal.

Era preciso acelerar o processo. Como é que a pessoa se torna poeta, pensou consigo mesmo o carteiro. Será que era uma habilidade possível de aprender? Existiria algum curso de técnicas de haikai? Se nas Páginas Amarelas não havia nem um anúncio de escola de poesia, a quem a pessoa poderia recorrer em momentos de emergência como esse? À embaixada do Japão? Pelo menos uma coisa estava ficando clara: Bilodo precisava se informar mais sobre os tais haicais.



Vasculhando a seção de Literatura Japonesa da Biblioteca Central, Bilodo encontrou alguns livros muito instrutivos, e logo aprendeu tudo o que sempre quisera saber sobre haicais, mas tinha medo de perguntar. O princípio da coisa na verdade era bem simples: haikai era uma busca da justaposição entre o permanente e o efêmero. O bom haikai idealmente devia conter uma referência à natureza (*kigo*) ou a uma realidade não exclusivamente humana. Isso além da economia de palavras, da precisão e do fato de ser ao mesmo tempo complexo e sutil, dispensando artifícios literários e recursos poéticos mais usuais como o uso de rimas e metáforas. A arte do haikai era a arte de captar um instantâneo fotográfico, um detalhe. Os versos podiam falar sobre um acontecimento na vida de alguém, uma lembrança, um sonho, mas o haikai era, sobretudo, um poema concreto, feito para instigar os sentidos, e não as ideias.

Bilodo estava começando a entender. Até mesmo a troca epistolar de haicais entre Ségolène e Grandpré ganhou um significado específico: ela era um *renku*, ou “corrente de versos”, tradição que remontava aos concursos literários promovidos na corte imperial do Japão da Idade Média.

Sentindo-se fascinado com aquilo tudo e querendo falar a respeito, Bilodo contou ao amigo Robert sobre suas descobertas e leu para ele alguns haicais dos mestres clássicos do gênero: Bashō, Buson e Issa, mas o equilíbrio delicado entre *fueki* – o permanente, a eternidade que se estende à nossa frente – e *ryuko* – o fugaz, aquilo que é efêmero e passa através de nós – pareceu não dizer absolutamente nada ao auxiliar de coletas, que viu a coisa toda como nada além de uma forma sofisticada de masturbação mental. Não que tivesse preconceito contra a literatura japonesa. Pelo contrário: Robert deixou claro que gostava dos mangás, os quadrinhos tão populares vindos daquele país, e que tinha um apreço especial pelo *hentai*, a variedade erótica deles, os quais recomendou calorosamente a Bilodo, sacando logo uma

amostra para respaldar a indicação.

Bilodo, ansioso por conversar com alguém mais capaz de partilhar do seu entusiasmo intelectual, foi procurar Tania. A jovem garçonne não se mostrou especialmente interessada no início, porque afinal aquele era um horário de pico do movimento no Madelinot. Mas a centelha que ele ansiava por ver de fato se acendeu nos seus olhos quando abriu para ela as páginas de um livro chamado *Haikai Tradicional do Século XVII*, uma valiosa publicação que Bilodo pegara emprestada na biblioteca e que permitia admirar haicais grafados em japonês antigo. Tania admitiu que aquilo era muito lindo e misterioso, muito místico mesmo. E Bilodo concordou inteiramente com ela: a combinação dos ideogramas com o silabário fonético da maneira japonesa de escrever contribuía para a densidade peculiar do haikai, quase conseguindo realmente expressar o indescritível.

Peixinho dourado
Faz bolhas no aquário
Acenando as barbatanas

Isso era poético? No início, Bilodo achou que tinha acertado na mosca – alguma outra coisa podia ser mais japonesa do que um peixe dourado? –, mas ele já não tinha tanta certeza. Ainda assim, algo lhe dizia que estava na direção certa, visto que lera que “leveza, sinceridade e objetividade” e “apreço por todas as criaturas vivas” estavam entre os atributos mais nobres dos haicais. Mas será que o tema em si não deixava algo a desejar? Com todo o respeito que tinha por Bill, seria um peixe o animal mais adequado para usar ao se criar uma expressão poética? Atrás de uma criatura que se encaixasse melhor em seu propósito, Bilodo pensou num pássaro, que afinal já tinha em si a vantagem de ser a incorporação da “leveza”:

O pássaro pia
no alto da antena
pia contra o céu azul

Esse tinha ficado mesmo melhor que o do peixe? Bilodo, chateado por ser tão mediocre, sentiu se esvaír toda sua autoconfiança recém-conquistada. Saber em teoria no que consistia um haikai era uma coisa, ser capaz de escrever de fato um era outra bem diferente.

E, além disso, a qualidade literária da sua produção era apenas uma parte do problema: deixando de lado a questão do seu valor artístico discutível, nem o haikai do peixe nem o do pássaro se pareciam com poemas que pudessem ter sido escritos por Grandpré, e *ai* estava o X da questão. O mais importante era conseguir escrever versos que fossem “grandprérianos” de verdade. Bilodo precisava conseguir se entranhar na mente do falecido tão astuciosamente a ponto de Ségolène não chegar a desconfiar de coisa alguma.

Ocorreu a Bilodo que poderia ser bom fazer uma análise grafológica da escrita de Grandpré; e ele então foi atrás de um livro que falasse sobre essa ciência. Logo, o carteiro constatou que a técnica da análise grafológica se baseava na prática intensiva, e ficou imaginando se conseguiria delinear a personalidade de Grandpré no curto período de tempo de que dispunha. À noite, enquanto estudava o livro diante da tevê ligada, sua atenção foi atraída pela fala de um ator que tinha sido convidado a contar sobre sua profissão e estava explicando como fizera para interpretar um famoso chefe de Estado morto alguns anos antes. O sujeito comentou que havia começado se concentrando nos gestos menores do grande homem, nos seus maneirismos, modos de agir, seus hábitos, e que tinha se empenhado em copiá-los até que, por fim, esse processo de identificação muito minucioso lhe revelasse a essência mais profunda do personagem, sua verdade interior. Fascinado, Bilodo fechou o tratado de grafologia que tinha nas mãos. Ele se deu conta de que o que havia acabado de ouvir podia ser uma pista promissora.

No Madelinot, no dia seguinte, em vez de se sentar junto ao balcão, Bilodo se acomodou na banquetta que Grandpré costumava ocupar e pediu que lhe trouxessem o que o morto tinha o hábito de pedir. Intrigada, Tania pôs na sua frente um sanduíche de tomate, que foi saboreado enquanto ele apreciava a paisagem pouco conhecida que o novo posto de observação lhe proporcionava: uma vista não só do interior do restaurante, mas também da rua para além dele.

Depois do almoço, ao retomar a ronda do dia, Bilodo continuou com o exercício de tentar se imaginar na pele de Grandpré. E seguiu observando com a maior atenção o mundo à sua volta, registrando qualquer incidente, qualquer detalhe que pudesse render material para um haikai. Como a lagarta se arrastando pela calçada, por exemplo, o túnel formado pelos galhos das árvores se entrelaçando por cima da rua, esquilos brigando no meio das pernas de um banco do parque, e também a calcinha cor-de-rosa soprada

pelo vento num varal – alguma dessas coisas daria um poema?

Quando chegou à rue des Hêtres, Bilodo caminhou despreocupadamente por sua extensão, fazendo de tudo para ver as coisas com o olhar de Grandpré, para sentir o que o outro teria sentido; e foi assim que, ao chegar à porta do apartamento vazio ainda na tentativa de penetrar o mundo interior do homem que já não morava mais lá, o verdadeiro caminho para conseguir acesso a ele lhe foi subitamente revelado na forma de uma placa de aviso.

Um cartaz em preto e vermelho, colado com fita adesiva na janela do lugar, onde se lia: ALUGA-SE.

Bilodo foi encontrar a senhoria do prédio trabalhando na sua horta minúscula. Era uma senhora bem-vestida e de ar desconfiado, que pareceu se tranquilizar um pouco ao reparar no seu uniforme de carteiro. Despedindo-se por um instante das plantas, madame Brochu o acompanhou até o terceiro andar e abriu a porta do apartamento onde ele, para variar um pouco, entrou de forma totalmente lícita. Como era estranho visitar em plena luz do dia um lugar que se tinha invadido na calada da noite! Contrariando as memórias sinistras que guardara dele, o apartamento se mostrou agradável, bem-iluminado e com a característica marcante de uma decoração tipicamente japonesa. Bilodo não tivera como reparar nisso em sua incursão anterior – porque afinal só vira as coisas pelo facho da sua lanterna e através do prisma turvo do estresse –, mas os móveis, as cortinas, as luminárias, quase tudo ali dentro tinha estilo ou inspiração japonesa. Quase dava para imaginar que tinham sido levados mesmo para a Terra do Sol Nascente.

Por toda parte para onde olhava, Bilodo dava de cara com a forma retorcida de um bonsai, uma gravura, um bibelô, uma estatueta representando uma gueixa lânguida ou um monge sorridente baixinho e gorducho, um samurai enfurecido brandindo a espada. O tal tecido fofo onde tinha sido tão esquisito caminhar na verdade eram placas de tatame, encaixadas umas nas outras pelo chão como peças gigantes de quebra-cabeça. E a tal coisa, o objeto estranho onde ele havia esbarrado ao sair, era na verdade uma linda mesinha de madeira nobre, delicadamente esculpida no formato de uma folha vergada presa ao caule, provavelmente usada para apoiar o serviço de chá. Dos dois lados da escrivaninha, o único elemento ocidental presente ali, havia estantes altas lotadas de livros. O segundo ambiente da sala, separado por um biombo dobrável de papel pintado com uma paisagem de montanhas salpicadas por cerejeiras em flor, devia servir de área de refeições. Tudo o que se via ali era uma mesa baixa, rodeada por almofadas de tecido bordado, sobre a qual havia um jardim zen em miniatura.

O quarto era mobiliado esparsamente, com um futon e um guarda-roupa com as portas de correr revestidas de espelhos altos, que refletiam sua

imagem dos pés à cabeça. No banheiro havia uma banheirinha estranha de madeira, quase um barril estreito, pousada dentro da banheira comum – certamente para facilitar a tarefa de esvaziá-la.

Então Grandpré tinha sido um admirador do estilo de vida japonês. Isso explicava a devoção tão apaixonada aos haicais. O roupão esquisito cor de escarlate que estava sempre vestindo obviamente era um quimono, que a esta altura por certo estaria dobrado em alguma prateleira desolada do necrotério, isso se não tivesse sido incinerado com seu proprietário.

O balcão da cozinha estava impecável, sem qualquer sinal do cheiro de podre – madame Brochu havia tomado as providências devidas. O vidro quebrado da porta tinha sido substituído. Nada dava pistas de que o lugar fora o cenário de um caso recente de arrombamento. Com as faces um pouco coradas, madame Brochu contou como havia ficado surpresa ao descobrir que o antigo inquilino, que ao que tudo indicava não tinha herdeiros nem parentes próximos, deixara sua mobília e todos os pertences pessoais para ela em seu testamento. A herança se provou uma inconveniência para a velha senhora, que seria obrigada a dar um destino aos objetos por conta própria, mas para Bilodo representava um golpe de sorte inesperado: ele fez uma proposta de alugar o apartamento exatamente como estava, com tudo dentro – sugestão que madame Brochu aceitou com a maior alegria. Minutos mais tarde, o carteiro assinou o termo de aluguel e recebeu as chaves do novo lar.

Por dentro, estava pulando de alegria, convencido de que finalmente tinha encontrado um meio de superar seu bloqueio poético. Poderia haver maneira melhor de penetrar os mistérios da alma de Grandpré do que morar no mesmo lugar onde ele havia morado? Bilodo vagou pelos cômodos, sentindo arrepios de excitação diante daquele repositório tão rico de existência pronto para ser explorado. Ele olharia tudo, mergulhando na atmosfera do apartamento, inalando até sua emanção mais sutil. Vampirizaria a aura evanescente do homem que havia morado antes dele entre aquelas paredes, descobriria tudo a seu respeito, esgueirando-se tão profundamente para dentro do seu pensamento que não teria dificuldade nenhuma em sentir, em intuir, as coisas que Grandpré teria escrito.





Bilodo não encontrou esqueletos nos armários de Grandpré, nem artigos suspeitos na sua geladeira. Também não havia nada digno de nota nas prateleiras da cozinha, somente um estoque bem-fornido de chás e várias garrafas de saquê. Ele achou, por outro lado, um número impressionante de meias sem par nas gavetas da cômoda e no cesto da roupa suja, e se perguntou o que exatamente esse enigma malcheiroso poderia revelar sobre a psique do falecido. Grandpré roubava meias que encontrava nas máquinas da sua lavanderia de autosserviço? Fazia coleção delas? Ele se transformava numa centopeia nas noites de lua cheia? Tirando esse detalhe, tudo no apartamento era perfeitamente comum.

O que mais impressionou o carteiro foi a quantidade de livros nas prateleiras. A maioria de autores japoneses, claro. Centenas de exemplares ocupavam todas elas, com títulos e nomes exóticos nas lombadas. Ele abriu ao acaso o romance de um certo Mishima, e leu um trecho em que uma jovem tirava um pouco de leite materno do próprio seio para misturar ao chá do seu amante. Perturbado com esse gesto tão bizarro, Bilodo voltou a fechar o livro e, decidido a deixar para concluir sua educação literária num outro dia, concentrou-se em examinar os papéis de Grandpré que não tinha conseguido levar na noite do arrombamento.

E foi assim que descobriu uma carta de Ségolène, uma convencional, toda em prosa, escrita três anos antes. Em sua primeira correspondência para Grandpré, a mulher de Guadalupe se apresentava como uma apreciadora da poesia japonesa e fazia elogios a um artigo dele sobre a arte do haicai segundo Kobayashi Issa para uma publicação de crítica literária. Havia também outras cartas posteriores. Elas mostravam a rapidez com que surgiu uma proximidade intelectual entre os dois, e como, depois de um tempo,

nasceu a ideia do *renku* – por sugestão de Grandpré. Então era assim que os dois haviam se conhecido. O interesse comum pela literatura japonesa fizera os caminhos se cruzarem e alimentara a amizade que nascera daí. Pelo menos um dos mistérios estava esclarecido.

Sentindo-se encorajado por esse primeiro avanço, Bilodo decidiu fazer uma nova tentativa de escrever poesia. Teria o fim de semana todo para isso, já que era sexta-feira, e então tratou de trancar a porta, fechar as cortinas e fazer uma invocação aos mestres do passado – pedindo com todo o respeito a benevolência deles. Depois, como um pescador de pérolas, mergulhou nas águas mais profundas do seu ser.

Por acreditar que seu haikai anterior sofrera pela falta de *fueki* – o sentido da eternidade –, Bilodo passou a noite criando um poema que pretendia que fosse uma celebração do retorno esfuziante do amanhecer, terminando-o só quando já era madrugada:

O sol se levanta
sobe no horizonte
um grande balão dourado

Até que não tinha ficado ruim, Bilodo considerou. *Fueki* não faltava aos versos, isso era certo. Mas será que a parte *ryuko* – o lado mais mundano e efêmero – não estava deixando a desejar? O que ele queria alcançar era o equilíbrio delicado que caracterizava o bom haikai, e, portanto, voltou ao trabalho, empenhando-se ao máximo para acertar a proporção desses dois componentes tão antagônicos.

O sol se levanta
eu coloco o queijo
na fatia de torrada

O sol se levanta

umbigo dourado na
barriga vazia

O sol se levanta
qual queijo dourado
já é hora do café

Bilodo reparou que seu estômago roncava. O que não era de admirar, visto que tinha ficado tão envolvido com seu projeto que não havia comido nada desde o dia anterior. E será que uma coisa explicava a outra?, ele ponderou. A poesia então era basicamente uma questão de estar com a barriga cheia? Bilodo deixou suas interrogações de lado e foi almoçar no Délicieux Orient, um restaurante japonês da cidade.

No fim da tarde, recebeu uma visita de madame Brochu, que levou-lhe uma cesta de frutas ao presente de boas-vindas. A senhoria reparou que ele já parecia ter se instalado muito bem, e insistiu que se precisasse de qualquer coisa podia contar com ela. Aproveitando aquela oportunidade de reunir mais informações sobre Grandpré, Bilodo a convidou a ficar para um chá, que serviu na graciosa mesinha em formato de folha. Depois de trocarem as costumeiras amenidades que a boa educação recomendava, o carteiro deu um jeito de puxar assunto sobre o ex-inquilino. As circunstâncias terríveis da morte do sujeito foram recordadas, comentadas, lamentadas. Bilodo ficou sabendo que Grandpré dava aulas de Literatura num curso pré-universitário, mas que tinha se aposentado no ano anterior mesmo ainda sendo bem jovem. Vendo que era o foco da atenção total do carteiro, a velha senhora revelou que o pobre sujeito vinha se comportando de maneira estranha nos últimos meses de vida – que quase não saía mais do apartamento, e punha os mesmos discos de música chinesa para tocar repetidamente. Devia estar sofrendo algum colapso nervoso, ela concluiu, mal conseguindo articular num sussurro o nome amaldiçoado da coisa.

Depois de se despedir de madame Brochu, Bilodo esvaziou o bule de chá enquanto refletia sobre a conversa toda. Sob muitos aspectos, a personalidade de Grandpré continuava obscura e os meandros de sua mente quase totalmente inexplorados, mas Bilodo aos poucos começava a entender. Os relatos da senhoria tinham acrescentado uma nova peça ao quebra-cabeça: a música. Será que ela seria capaz de ajudá-lo, Bilodo pensou, a ter um

entendimento mais amplo do sujeito? Logo que começou a busca pelos discos de Grandpré, achou a tal música chinesa que a senhoria tinha mencionado – algumas gravações tradicionais japonesas, na verdade. E pôs para tocar um dos discos, escolhido ao acaso. As notas bonitas produzidas por uma flauta melancólica e pelas cordas de algum tipo de alaúde saíram das caixas de som, enchendo a sala com um recitativo suave. Sentindo uma inspiração repentina, Bilodo pegou a caneta...

E escreveu, ouvindo disco atrás de disco, entornando litros de chá, enquanto as horas de escuridão se passavam. Os arpejos ondulavam saindo do *koto*, às vezes acompanhados por um *samsien* mais estridente, outras vezes por um *sho*, sublinhando o tom mais etéreo de um *hichiriki* ou o hipnotizante canto anasalado de uma voz feminina. Bilodo escrevia como se estivesse em transe, empenhando todas as forças para conseguir o *wabi* (a beleza sóbria, em harmonia com a natureza), mergulhando nas virtudes ancestrais do *sabi* (simplicidade, serenidade, estar bem consigo mesmo). Ele fez um passeio imaginário pela afogueada paisagem outonal do Mont Royal, tentando retratar a languidez desavergonhada das árvores, o farfalhar das folhas agitadas pelo vento, o canto dos pássaros prestes a irem embora e os últimos ruídos dos insetos.

Ele escreveu, tentando conjurar a cooperação das palavras, lutando para agarrá-las no ar antes que se dispersassem, para capturá-las como borboletas na rede da sua página, e espetá-las no papel. De tempos em tempos chegava a um verso que considerava razoavelmente passável, apenas para cinco minutos depois concluir que na verdade soava sem alma e jogá-lo na lixeira. E então começava tudo outra vez, chapinhando na poça de celulose esmagada, fazendo pausas ocasionais para traçar um hieróglifo na areia do minúsculo jardim zen ou reler determinado haikai de Grandpré ou de Ségolène, recitando os versos em voz alta para melhor admirar sua espontaneidade ressonante.

Pediu para entregarem um sushi do Délicieux Orient, que tomou o cuidado de comer quando Bill não estava olhando, e então continuou pelo resto da noite a cobrir o branco do papel com seus escritos, e depois mais o dia inteiro de domingo, sustentado apenas à base de saquê, e a noite toda que se seguiu, até a cabeça começar a girar, os olhos esgazearem e a caneta escapar dos dedos. Ele então despencou no futon e mergulhou num sono assombrado por ideogramas que ganhavam vida, e sonhou que Ségolène abria a blusa para tirar o leite do seio, deixando-o pingar dentro dos lábios dele...

Quando acordou na segunda de manhã, com os neurônios revirados, Bilodo engoliu quatro aspirinas, tomou uma chuveirada que pareceu interminável, depois folheou os poucos papéis que tinham merecido escapar

da destruição até acabar escolhendo um poema que fora escrito quando já amanhecia:

O sol vai sumindo
bocejando na sacada
Começa a roncar

O terceto emanava um ar poético, Bilodo pensou, e não lhe pareceu inteiramente distante de algo que Grandpré poderia ter escrito. Estava quase certo. Mas o quase ainda não bastava também, e, sendo assim, ele rasgou metodicamente a folha em pedacinhos minúsculos que ficaram pairando como flocos de neve quando lançados no ar. Pela segunda vez em duas semanas, ligou para os Correios para dizer que não iria ao trabalho, depois esquentou água para o chá e voltou à labuta, decidido a sacrificar uma floresta inteira se fosse necessário.

Era quase meio-dia quando a batida da portinhola do escaninho das cartas o fez dar um pulo. Bilodo reparou, com uma pontada ligeira de ciúmes, que pelo visto não tinha sido nenhum grande transtorno substituí-lo, e foi buscar a correspondência de Grandpré. Havia chegado dois panfletos, uma conta, e uma carta de Ségolène.

O carteiro precisou de um instante para se recompor. Aquilo era completamente inesperado. Ele jamais imaginou que Ségolène fosse escrever antes que Grandpré enviasse uma resposta para o haikai do bebê nadador. Segurando o punhal de abrir cartas na mão trêmula, ele cortou o envelope. Lá dentro havia, como sempre, uma única folha:

Chateei você?
Esqueçamos, pois –
amigos ainda, não?

Bilodo se sentiu fortemente afrontado pelo tom franco e direto do haikai,

e ficou alarmado com a ansiedade quase palpável que os versos traziam. Acostumada com o ritmo mais regular do seu correspondente, Ségolène obviamente tinha se preocupado com o silêncio dele; a coitada estava achando que podia tê-lo ofendido de alguma maneira. Bilodo imaginou a inquietude do coração dela enquanto os versos eram escritos, a ansiedade marcando o belo rosto da mulher, comprometendo a doçura dos seus traços. Essa visão de Ségolène caindo nas garras da angústia foi mais do que o carteiro podia suportar, e ele se viu tomado por um ímpeto para agir. Era preciso responder o mais rápido possível, para tranquilizar a moça e trazer de volta o sorriso dela. Bilodo tinha que parar com a enrolação e produzir logo aquele bendito haicai!



A grama mal tinha terminado de cobrir o túmulo recém-fechado de Gaston Grandpré. Bilodo mergulhou num estado meditativo. Na esperança de alcançar o que ainda restava do falecido, talvez um resquício mais persistente do seu espírito, ele descreveu em silêncio a ansiedade de Ségolène, a natureza urgente da situação, e reafirmou que suas intenções eram as mais honestas e seus sentimentos, sinceros. Da maneira mais humilde, ele relatou ao sujeito adormecido ali embaixo os seus esforços diligentes para imitar sua obra, e implorou da forma mais respeitosa que o ajudasse: o que deveria fazer agora? Havia alguma atitude que ainda precisasse ser tomada, algum sacrifício que devesse concordar em realizar, alguma chave que porventura não estivesse sabendo encaixar na fechadura complexa da porta que barrava seu acesso à poesia?

Ajoelhado na grama úmida, Bilodo aguardou, cada fibra mais tênue do seu ser ouvindo com toda a atenção, mas nenhuma revelação emanou do túmulo, nenhuma voz sepulcral se fez ouvir. Pelo visto, o falecido não tinha qualquer conselho para lhe dar. Ainda assim...

Como se em resposta à sua visita ao cemitério, o carteiro sonhou com Grandpré na noite seguinte. Sonhou inclusive que acordava e encontrava o falecido ao lado da cama, vestindo o quimono vermelho. O fantasma sorria, apesar do respingo de sangue na sua fronte pálida, e dos cabelos emaranhados. Sem deixar de sorrir, se deslocou pelo quarto como se tivesse rolimãs nos pés. Foi até perto do guarda-roupa, abriu a porta e apontou para a

prateleira mais alta...

Bilodo acordou de verdade. Pelo menos teoricamente. Será que isso era só um fractal de um sonho ainda mais profundo, ele pensou – será que estava só sonhando que tinha acordado – ou dessa vez era a realidade mesmo? Então, constatando que não havia sinal de nenhum Grandpré fantasmagórico por perto, optou pela segunda alternativa. E fitou o guarda-roupa, intrigado com o gesto que o fantasma fizera indicando a prateleira. Aquilo tinha sido só um sonho, claro, mas a curiosidade de Bilodo não o deixou em paz até ele decidir verificar mais de perto, só por garantia. Ele abriu o guarda-roupa. A prateleira de cima era muito alta e muito funda. Bilodo esticou a mão, explorando a cavidade com as pontas dos dedos. E encostou em alguma coisa. Uma caixa, empurrada bem para trás. Surpreso, ele a puxou na sua direção. Era uma caixa de papelão preto, bem grande, não muito pesada, com ideogramas japoneses impressos. Bilodo a colocou na cama e ergueu a tampa. Dentro dela, dobrado por baixo de um papel de seda muito fino, havia um quimono vermelho.

O quimono parecia nunca ter sido usado. O carteiro o tirou da caixa, desdobrando o tecido sedoso, iridescente. Era uma peça muito bonita. Ele não resistiu à tentação de experimentá-lo. E, para sua surpresa, se sentiu perfeitamente confortável dentro dele. Deu uns passinhos, depois um giro para sentir a leveza do tecido. Fez as abas esvoaçarem em ambos os lados do corpo – sentindo-se um pouco como Lawrence da Arábia experimentando a indumentária de emir pela primeira vez –, e admirou a própria imagem no espelho. O traje tinha se moldado perfeitamente aos contornos do seu corpo. Parecia feito sob medida. Bilodo se sentiu eletrizado. Era como se uma corrente elétrica estivesse mesmo passando pelos seus nervos, fazendo o corpo todo formigar. Num impulso, ele saiu do quarto, foi até a sala, sentou-se diante de uma folha em branco na escrivaninha, pegou uma caneta e a encostou no papel. E o milagre então aconteceu. A ponta da caneta começou a correr na folha, deixando um rastro sismográfico de palavras. Será que aquilo ainda era um sonho? A inspiração de repente o abraçara. Era como se um dique tivesse se rompido em Bilodo, como se um motor emperrado voltasse de repente a funcionar. Ele mal conseguia acompanhar a torrente de imagens que se atropelavam na sua cabeça, chocando-se umas contra as outras como bolas de bilhar.

Um minuto mais tarde, estava concluído: a força misteriosa abandonara Bilodo, deixando-o abatido e exausto. Diante dele, havia um haicai. Os versos tinham se escrito sozinhos, de uma tacada só, sem uma rasura que fosse, automaticamente, numa letra que quem batesse o olho juraria ser a de Grandpré:

Como a neve eterna
imutável na montanha
assim, meu afeto

Bilodo tentou entender o que havia acontecido ali; ele achou que talvez se tratasse de algum tipo de fenômeno condicionado, algo que pudesse ter sido desencadeado pelo fato de ter encontrado o quimono. O ato de vestir a peça de roupa, de entrar de forma simbólica na pele de Grandpré, provavelmente iniciara o processo criativo que ele vinha tentando despertar havia dias. Ou aquilo fora da ordem do espiritismo? Será que Bilodo tinha sido possuído por um breve instante? O espírito de Grandpré atendera o seu chamado, seu pedido de ajuda? O carteiro estava se sentindo abalado demais para escolher uma dessas alternativas. O mais importante no momento era o poema: sob interferência espiritual ou não, Bilodo acabara de produzir o que considerou ser o primeiro haikai decente da sua vida. Mas será que ele bastaria, afinal, para reconfortar Ségolène? Será que tocaria o coração da moça?

O carteiro dobrou o papel e o guardou num envelope. Mas, quando já estava prestes a fechá-lo, hesitou, atormentado por um último dilema: será que devia acrescentar ao haikai aquele desenho do *O* estilizado – a inscrição que Grandpré pelo visto espalhava por toda parte? Seria o símbolo uma espécie de assinatura, ou marca gráfica, sem a qual a carta plantaria uma semente de desconfiança? Para saber a resposta, precisaria examinar as correspondências anteriores do falecido; e, mais uma vez, a última carta de Grandpré perdida para o esgoto mostrou a falta que fazia. Por fim, Bilodo decidiu arriscar. Ele selou o envelope e correu para enviá-lo, antes que mudasse de ideia.

O haikai levaria cinco ou seis dias para chegar às mãos de Ségolène, e pelo menos esse mesmo tempo para a resposta dela voltar até ele – isso presumindo-se que a mulher fosse mesmo responder, que não desconfiasse de nada, que seu plano fosse dar certo.

A carta dela chegou onze dias mais tarde. Bilodo torceu para recebê-la com todas as suas forças, rezando o tempo todo, sem coragem de voltar a vestir o quimono ou empunhar a caneta por medo de que isso fosse abalar o equilíbrio delicado das forças do destino, até que por fim lá estava ela, na sua mão, enquanto ele a segurava petrificado diante do seu balcão de trabalho na Central de Triagem. Sem conseguir se conter, correu para o banheiro masculino, trancou-se na cabine mais distante da porta e rasgou o envelope

para ler:

Enormes escarpas
fita, respeitosa
a humilde montanhista

Bilodo foi transportado instantaneamente para um cenário do Himalaia digno de alguma passagem de *Tintim no Tibete*. Agarrado a uma rocha, ele se viu na metade íngreme de uma encosta forrada de neve virginal e ofuscante à luz do sol forte, tendo à sua frente o perfil escarpado do cume, distante e ao mesmo tempo bem próximo no meio do ar rarefeito, os contornos muito delineados em contraste com o azul profundo do céu, um pico temperamental, majestoso na sua imponência pedregosa...

Ao voltar a se deliciar com as palavras de Ségolène depois de tanto tempo, Bilodo se sentiu revigorado, forte como um homem das neves. Foi como receber uma transfusão depois da hemorragia, um sopro de oxigênio quando se está sufocando. No banheiro da Central, ele comemorou. Tinha funcionado! Ela acreditara!

Montanhas austeras
em segredo esperam
serem enfim conquistadas

Ostentam bravura
em roupas contra avalanche –
mas no fundo, frágeis

À noite, têm medo
chorando de solidão
cascata de lágrimas

É assim que nascem
os lagos suspensos
num silêncio glacial

Bilodo se sentia completamente feliz. O que mais poderia querer? O quimono esperava por ele pendurado no guarda-roupa, mas o carteiro tinha o cuidado de não usá-lo o tempo todo; economizava seus poderes, guardando-os só para os momentos de escrever as respostas para Ségolène. Nessas horas, bastava vestir a indumentária milagrosa para sentir a alma alçar voo, zunindo, enquanto as cores e imagens tomavam sua mente num turbilhão. Bilodo finalmente deixara de lado qualquer tipo de explicação sobrenatural para o fenômeno. Concluiu que ter encontrado o quimono logo depois do seu sonho com a versão fantasmagórica de Grandpré não passara de uma coincidência

feliz, e que o resto era só manifestação do subconsciente em ação. E, além do mais, não tinha vontade de esmiuçar mais a questão, temendo que se ficasse muito inquisitivo acabaria ralentando o impulso criativo e prejudicando sua produção poética. Saber a causa fundamental do milagre não tinha tanta importância para o carteiro, desde que continuasse funcionando e permitindo que a correspondência com Ségolène fluísse, desde que pudesse sonhar com ela tocando sua flauta nas margens do rio preguiçoso, encantando serpentes como no quadro de Henri Rousseau para depois repousar numa cama de relva envolvida pelas pétalas vivas de flores silvestres, e tendo o sono vigiado pelo olhar dos animais da floresta.

Formas cintilantes
Cílios entreabertos
Um teatro iridescente

Uma flor que voa
do cabelo da feirante
é uma borboleta

Monstros miniatura
caminham pela calçada
É Dia das Bruxas

Um cavalo em fuga
parece tão assustado!
O que ele tem?

As poças viram cristal
a grama se quebra

inverno chegou

Meu gato ronrona
Debaixo do seu nariz
o rato se safava

Beleza perfeita
Divina estrutura
Macio floco de neve

Enormes dorsos escuros
agitam o mar
brincam cachalotes

Ela nadava e dançava, imensa e ao mesmo tempo tão ágil. O corpo escuro e elegante ondulando, gracioso, se destacava iluminado pelo sol contra o espelho cintilante da superfície, margeando a fina camada de água, por vezes rompendo-a com o topo das costas. Ela nadava e cantava, enchendo o oceano com sua voz, porque era uma baleia. E ele também era. Os dois eram baleias e nadavam juntos, rumando para águas distantes, para aquele lugar sem nome, um “lá”, simplesmente, bem longe no azul sem fim. E não estavam com pressa. Seguiam vagueando, deslizando no lusco-fusco do entardecer. Costumavam caçar um pouco para depois se deixar levar, singrando as correntes. Subiam de tempos em tempos para lançar jorros de água iodada e encher os pulmões de ar, boiar um pouco, embalados suavemente pelas ondas, e então voltavam a mergulhar na direção de onde era calmo.

Era bom ser baleia. Era bom estar com ela, só com ela, e serem livres juntos. Se pudesse escolher, teria preferido ser o oceano, para abraçar Ségolène ainda mais de perto e poder envolver todo o corpo dela ao mesmo tempo com seus intermináveis braços aquáticos, deslizando eternamente pela sua pele; mas ainda assim era bom ser baleia. Era uma grande alegria, desde que ela continuasse ao seu lado e os dois escapassem do tempo juntos.

Então, de repente, ela afundou. Mergulhou na vertical, para longe da luz. Será que tinha detectado uma presa? Teria sido só pela diversão de chegar à parte mais funda das coisas, de explorar algum navio afundado, ou porque ela queria brincar de esconde-esconde? Ele foi atrás, impulsionando o corpo com remadas poderosas da cauda; não se deixaria ficar em desvantagem. Mergulhou atrás dela para onde a escuridão era mais funda e o cercava, segurando-o entre garras mais apertadas e frias. Ele já não a via, mas podia sentir as vibrações da massa de água que seu corpo deslocava, e a ouvia cantar bem perto no pretume. Era um chamado. Ela estava chamando *por ele*, que respondeu também com um canto, porque era assim que as baleias se comunicavam – lançando seu canto no vazio, sem medo da escuridão cada vez mais absoluta, cada vez mais funda.

A criança grita
brandindo o taco no ar
ele fez um gol

A garota grita –
no peitoril da janela
viu a centopeia

No varal lá fora
a roupa congela
e pardais tremem de frio

Aimée, a minha vizinha
tem roupa de flor
que quero regar

Janeiro seguia em plena fúria. Já fazia três meses que Bilodo se mudara para o apartamento de Grandpré. Já estava se sentindo totalmente em casa ali, mas continuava dizendo “o apartamento de Grandpré”. Era meio automático, e também um sinal de respeito pelo homem a quem devia tanta felicidade. Só voltava ao antigo endereço quando lhe convinha, para buscar a correspondência escassa ou apagar os recados obscenos que continuavam sendo despejados na sua secretária eletrônica. A mobília e a maior parte dos seus pertences permaneciam lá. Ele não havia levado quase nada para a residência de Grandpré, pois não queria estragar a ambientação oriental tão

agradável. Podia ter sublocado o antigo apartamento agora que já não precisava mais dele, mas decidira não fazer isso porque o estava usando como endereço oficial e também como álibi, para preservar a tranquilidade da existência paralela que tinha criado no refúgio da rue des Hêtres. Assim, não precisava temer a visita de convidados indesejados, nem intromissões fora de hora da parte de Robert. Bilodo não tinha contado nada ao colega, e estremeceu só de pensar na possibilidade de ele aparecer com aqueles tamancos grandalhões na reclusão do seu recanto japonês. Robert, que de bobo não tinha nada, obviamente estava desconfiando de alguma coisa. Começou a estranhar que Bilodo nunca atendesse o telefone, nem estivesse em casa quando resolvia passar por lá. Suas perguntas tinham começado a se tornar embaraçosas, e Bilodo achava cada vez mais difícil se desvencilhar delas.

Tirando a bisbilhotice de Robert, eram raras as intervenções do mundo exterior na vida reclusa que o carteiro vinha levando, inteiramente centrado em seu romance imaginário. Óbvio que havia Tania, do Madelinot, que nunca perdia uma chance de puxar papo e perguntar como estava indo a pesquisa sobre a poesia japonesa. Bilodo, aliás, tinha criado o hábito de dedicar o que restava da sua hora de almoço, após a sobremesa, à revisão dos haicais que pretendia enviar para Ségolène, e Tania, intrigada, muitas vezes se aproximara para perguntar o que ele tanto escrevia, e se podia mostrar a ela. O carteiro se recusava a fazer isso da maneira mais delicada possível, sob o pretexto de que eram coisas íntimas demais, mas a jovem garçonne não deixava de mostrar um interesse ávido pelos seus escritos – o que era bem tocante. Ele lamentava ter que dizer sempre “não” a Tania. E, por querer continuar contando com a afeição dela, prometeu que lhe escreveria um haikai qualquer dia desses. O que pareceu deixá-la muito empolgada.

Fora isso, Bilodo não tinha contato com praticamente ninguém. Havia madame Brochu, com quem às vezes trocava amenidades educadas – embora estivessem rareando, depois de um incidente recente: num dia em que foi bater-lhe à porta para pedir que diminuísse o volume da sua música chinesa, a senhoria pareceu ter ficado chocada ao deparar-se com o carteiro vestindo o quimono de Grandpré. Desde então, sua cordialidade meio que sumira de cena, substituída por um olhar desconfiado na direção de Bilodo. O que era até compreensível, pensou ele. Julgado de longe, seu comportamento certamente devia parecer estranho. E julgado de perto também: viver da maneira como ele vivia, tendo se apossado da vida e das vestimentas íntimas de outra pessoa, era um sinal certo de excentricidade. Mas ele mesmo aceitava plenamente sua estranheza nesse aspecto, independentemente da opinião das outras pessoas. O importante era jamais perder de vista a lógica mais profunda daquilo tudo.

morto congelado
hoje, no banco do parque

O La Soufrière tem
a cabeça nas nuvens
pensamentos altos

Neva sem parar
uma manta grossa, já
que caiu do céu

Tem Vidé com touloulou
Vaval, Grand brilé
ponche de rum, oi

Vidé em creole era um desfile ou procissão, porque em Guadalupe também era final de fevereiro e época do Carnaval. *Touloulou* era a dança em que as damas tinham o privilégio de escolher os parceiros, enquanto *Vaval* correspondia ao nome do rei da festa, o mascote local, um pouco como o Bonhomme Carnaval da sua cidade. *Grand brilé* era a cerimônia popular que acontecia na noite da Quarta-Feira de Cinzas, concluindo os festejos com a queima do desafortunado Vaval em meio aos gritos e vaias da multidão histórica. E o verso sobre o ponche de rum estava bem claro. Bilodo imaginou que aquilo tudo devia ser muito parecido com o Carnaval de Quebec, só que cinquenta graus mais quente.

No afã de entrar no mesmo clima festivo de Ségolène, e de mostrar a ela que a festa ali era tão animada quanto nas ilhas, ele lançou a bravata:

Gira, gira, com seu par

O homem atira
a dama no ar!

E logo ele, que nunca tinha posto nem um pé no salão, nessa mesma noite sonhou que rodopiava alegremente com Ségolène no cenário exótico de uma cidade em festa que era a mistura de Quebec Velha com Pointe-à-Pitre. No sonho, eles se alternavam entre um *rigadon* frenético nas calçadas geladas da Place d'Youville e o ritmo animado do *gwoka* no ar abafado da Place de la Victorie. E Ségolène ria, girando sem nunca se cansar, o cabelo açoitando a noite.





Na primeira segunda-feira de março, chegou um pacote da França endereçado para Gaston Grandpré. Trazia o original de um texto chamado *Ensō*, escrito pelo próprio Grandpré e contendo a ilustração do círculo preto com as bordas desgastadas na página que seria correspondente à capa. Era o misterioso círculo outra vez, o *O* que aparecia em todos os papéis do falecido.

Com o manuscrito, havia uma carta breve do editor de uma série de poesia livre publicada pelas Éditions du Roseau, de Paris. O homem reconhecia que o trabalho tinha suas qualidades, mas informava que lamentavelmente não poderia aceitá-lo para publicação. Bilodo folheou o texto, que não tinha mais que sessenta ou setenta páginas, cada uma contendo um único haikai. E não ficou surpreso ao ver que o poema que abria a coletânea era seu velho conhecido:

O giro das ondas
contra pedras rudes –
o tempo corre em volteios

E os outros haicais também lhe eram familiares. Ele havia lido aqueles versos muitas vezes, ainda que de vez em quando em formas que não eram exatamente idênticas às que tinha agora à sua frente:

gaivotas como bruxas
gritando ao luar

Coluna escarpada
emaranhado de folhas
Surge a praia enfim

Oh, arco magnífico
a perfeição absoluta
do taco no ar!

O golfista atinge
a bola, que voa alto
até as estrelas

Como só tivera contato com os haicais de Grandpré aleatoriamente – passando os olhos por um aqui outro ali em meio à papelada caótica do falecido –, Bilodo achou muito diferente a experiência de lê-los na ordem específica em que haviam sido organizados pelo autor. A sequência dava aos versos um tipo de poder enfeitiçador. À medida que virava as páginas, Bilodo sentia como se estivesse avançando na direção de um objetivo oculto, ou que era atraído inexoravelmente para algum destino implacável. Os haicais ressoavam uns contra os outros, produzindo o ritmo inquietante de uma música mental. E criavam aquela sensação arquetípica do déjà vu, insinuando que Bilodo já teria experimentado, ou melhor, sonhado com todas aquelas coisas. Eram versos que desencavavam imagens antigas, nas camadas mais distantes da sua memória.

No fundo do mar
“treva” é palavra insensata
a luz é que mata

Descarnando os ossos todos
flui a marcha dos
necrófagos séculos

Para ir além
espie atrás do cenário
e defronte a Morte

Tritões e sereias
o Príncipe do Oceano
tornou a vocês

Soturnos e ao mesmo tempo luminosos, os haicais se sucediam numa procissão de peixes pelágicos, destilando a própria fosforescência. O título da coletânea deixou Bilodo intrigado; ele procurou pela palavra *Ensō* no dicionário, mas não a encontrou. Recorrendo à internet, teve a satisfação de ver a tela encher-se de referências, todas mostrando círculos parecidos com o da capa, e descobriu que aquele era um símbolo tradicional do zenbudismo. O círculo *Ensō* representava o vazio mental que permitia alcançar a iluminação (ou *satori*). Sendo pintado pelos mestres Zen há milhares de anos, desencadeava o exercício espiritual da meditação sobre o nada. O círculo, quando traçado com uma única pincelada contínua – sem hesitação e sem pensar – teria a propriedade de revelar o estado de espírito do artista: a pessoa só conseguiria traçar um *Ensō* forte e bem-proporcionado se estivesse com a cabeça vazia, livre de todo pensamento e intenção.

Enquanto buscava mais informações, Bilodo aprendeu que o círculo Zen podia ser interpretado de inúmeras maneiras: era capaz de representar igualmente a perfeição e a verdade, ou a infinitude, a simplicidade, o ciclo das estações, a roda que gira. De modo geral, o *Ensō* simbolizava o retorno, a natureza cíclica do Universo, a história que sempre se repete, o perpétuo retorno ao ponto de partida. Era semelhante, nesse sentido, ao símbolo grego do Ouroboros, o desenho de uma serpente mordendo a própria cauda.

Ensō então era um símbolo rico de significados diversos, e um título que alcançava seu sentido mais pleno e definitivo quando o leitor chegava à última página do manuscrito, que trazia o mesmo haicai visto na primeira:

O giro das ondas
contra pedras rudes –
o tempo corre em volteios

Não podia ser uma repetição acidental. Grandpré fizera isso intencionalmente; dera um formato circular à sua coletânea. A volta ao poema da abertura, que evocava a ideia do retorno, era o *Ensō*, o círculo Zen, o livro repetindo perpetuamente a si mesmo.

Perdido nos próprios pensamentos, Bilodo fechou o manuscrito. Ele lamentava que tivesse sido rejeitado pelo editor. O trabalho reunia os melhores poemas de Grandpré, os mais bem-realizados, e a rejeição lhe parecia injusta: os caras da tal editora obviamente tinham dormido no ponto. Mas não eram as únicas pessoas capazes de publicar livros no mundo, afinal. Pesquisando mais uma vez on-line, Bilodo conseguiu uma lista das principais editoras especializadas em poesia em Quebec, e tomou uma decisão: mandaria o manuscrito para ser avaliado em outros lugares. *Alguém*, em *algum* lugar, certamente teria que reconhecer seu mérito.

Ele faria a coletânea ser publicada. Era uma incumbência póstuma que se sentia impelido a cumprir. O mínimo que podia fazer, afinal, para honrar a memória do homem responsável por ter aberto o caminho que o levava até Ségolène. Não era?

No chão da canoa
um peixe se sufocando
se afogando em ar

Ser um sapo e respirar
através da pele
O melhor dos mundos

Um pingo na folha
para a joaninha
é desastre natural

O dono fiel
agacha para cavar
quem controla quem?

Ondas de La Désirade
tão claras como
tanka de Bashō

Bilodo já estava familiarizado com Bashō, o grande poeta de haicais do século XVII, mas o que era mesmo um *tanka*? A palavra ele conhecia. Lembrava-se de ter lido durante as explorações literárias no inverno anterior.

Ele não demorou a reencontrá-la, pesquisando nos livros de Grandpré. O tanka era a forma poética mais antiga e sofisticada da tradição japonesa, tendo sido uma arte praticada exclusivamente na Corte imperial. Era o ancestral do haikai, o antepassado venerável do qual seus versos descendiam. Mais extenso, tinha cinco em vez de três versos, divididos em duas partes: a primeira, um terceto com dezessete sílabas, o velho e conhecido haikai, simplesmente, e a segunda um dístico adicional formado por dois versos de sete sílabas cada, que dialogava de alguma maneira com a primeira e conduzia a estrofe em outra direção. Bilodo aprendeu que cada uma das formas tinha a sua área temática específica. Diferente dos haicais – poemas curtos que falavam aos sentidos e costumavam envolver a observação da natureza –, o tanka era feito para ser lírico, sensível, refinado. Seus adeptos esforçavam-se para explorar temas nobres, como a morte, e sentimentos, como o amor e a solidão. E seus versos destinavam-se à expressão de emoções complexas.

Bilodo estremeceu. O que poderia significar aquela alusão que Ségolène fizera ao tanka? Seria alguma mensagem sutil, um convite?

Uma forma poética voltada para a expressão de sentimentos. Não era exatamente isso que Bilodo vinha querendo? Ele às vezes não se sentia restrito pelas limitações impostas pelo haikai? Não andava cansado, para ser sincero, de fazer menções a condições meteorológicas, varais e passarinhos? Será que não havia chegado o momento de lidar com temas mais grandiosos e belos, de se livrar daquela camisa de força limitante? Por acaso ele não estava ansiando por chegar mais longe, por finalmente abrir seu coração?

Bilodo vestiu o quimono e começou a escrever, ávido por experimentar aquele formato familiar, e constatou, surpreso, que se adaptou a ele sem qualquer problema. A estrofe se materializou inteira sozinha, caindo nas suas mãos como uma fruta madura:

Certas flores, dizem
levam anos para abrir
Já há muito tempo
tenho querido falar
do quanto amo você

Orgulhoso do seu primeiro tanka, eufórico, Bilodo se apressou para enviá-lo. Foi só bem mais tarde, depois que a adrenalina tinha voltado aos níveis normais, que ele começou a refletir sobre o que tinha feito e foi tomado pela dúvida.

Teria sido uma atitude sensata – agora que estava pensando melhor a respeito – enviar para Ségolène um poema tão diferente dos que ela estava acostumada a receber? Não era a forma que preocupava o carteiro, e sim o conteúdo: como a jovem iria reagir àquela declaração tão explícita, à intromissão tão súbita na esfera anteriormente preservada dos sentimentos? Será que isso não a afastaria? Será que o laço tão sutil e doce que os unia não acabaria sofrendo? Bilodo, por acaso, não havia sido ousado demais?

Ele estava arrependido de ter agido de maneira tão impetuosa, mas o mal já tinha sido feito: o tanka estava no fundo da caixa de correio do outro lado da rua, irrecuperável. Em tese, pelo menos. Não era verdade que Robert, encarregado entre outras coisas de recolher as cartas postadas, devia passar por ali por volta do meio-dia?

Não muito antes dessa hora, Bilodo saiu para encontrar Robert no local exato, zanzando para cima e para baixo perto da caixa do correio feito um vigia neurótico, surdo à algazarra dos pássaros que a chegada de um novo mês de abril tinha chamado de volta do Sul. Finalmente, depois de meia hora, o furgão surgiu. Ele encostou junto ao meio-fio e Robert saltou dando gritos eufóricos por dar de cara com o velho amigo Libido parado ali. Cortando a empolgação pela raiz, Bilodo explicou o favor que queria pedir ao amigo. Robert primeiro pareceu hesitar, observando que o que Bilodo queria era totalmente contra as regras, mas isso foi só para criar certo suspense – que valor teria um regulamento idiota diante do laço inquebrável da amizade fraterna que unia os dois?

Depois de ter recolhido o conteúdo da caixa lacrada, o auxiliar de coletas fez Bilodo entrar no furgão na sua companhia e, lá dentro, protegido dos olhares curiosos dos passantes, esvaziou a sacola e convidou o amigo a resgatar a carta que ele dissera ter postado por engano. Em meio a uma chuva de murmúrios incoerentes de gratidão, Bilodo espalhou os diversos pacotes, envelopes, seringas usadas, moletons roubados de times de hóquei e outras coisas repugnantes que saíram da caixa e encontrou sua carta. Passado todo o perigo, ele se sentiu aliviado, embora com um desapontamento vago que não saberia explicar de onde vinha. O olhar abelhudo de Robert não deixou de decifrar o endereço no envelope. E, como não havia acreditado na desculpa esfarrapada do outro nem por um minuto e estava intuindo que devia haver alguma mulher por trás da história toda, ele exigiu saber quem era a tal Ségolène para quem Bilodo tinha escrito, moradora de Guadalupe. Instintivamente, o carteiro escondeu a carta no casaco. E, por mais que estivesse se sentindo grato a Robert, recusou-se a dar qualquer resposta, alegando que aquele era um assunto estritamente confidencial. Contrariando as expectativas, Robert não insistiu no assunto, mas avisou que o amigo não se livraria dele sem pelo menos concordar em ir beber alguma coisa depois do trabalho, para comemorar. Bilodo hesitou, sabendo bem como era fácil que esse tipo de convite criasse uma reação em cadeia que logo fugiria do seu

controle, mas, depois do que Robert havia feito, como poderia recusar?



Bilodo sonhou que ouvia alguém rindo. Ao acordar, levou um instante para se dar conta de que estava deitado inteiramente vestido no futon, com as cortinas abertas e o sol da manhã batendo em cheio na sua cara. Ainda tentou se levantar, mas logo desistiu da ideia, atingido pela dor latejante que lhe rachava o crânio. As lembranças dos excessos da véspera começaram a vir em partes. Havia o pub na rue Ontario onde a noite tinha começado, os copos de uísque surgindo um depois do outro em cima do balcão. A imagem seguinte já parecia um pouco borrada: a boate com as dançarinas na rue Stanley, depois uma cabine onde moças lindas e sensuais remexiam os quadris numa versão em close da dança, e ainda a casa de massagens para onde Robert o arrastara contra sua vontade, seguida da pizza havaiana que comeram em cima de um banquinho num restaurante muito iluminado e ofuscante e mais outro lugar – um bar? Uma boate? Só que depois desse não aparecia mais lembrança alguma.

E havia as perguntas. As perguntas indiscretas de Robert, que o interrogara sem descanso sobre a carta, sobre Ségolène; voltando ao assunto repetidas vezes ao longo da noite, à medida que as coisas iam saindo de controle cada vez mais. O auxiliar de coletas obviamente tivera a intenção de se aproveitar do seu torpor alcoólico para extrair tudo o que podia. E o que exatamente Bilodo havia deixado escapar? Ele teve de admitir para si mesmo que não fazia ideia. O que contara a Robert? O que havia acontecido nos trechos escuros que pontilhavam seu filme mental da noite anterior?

O riso que ele ouvira em sonho soou outra vez, só que agora Bilodo estava bem desperto. O som tinha vindo do cômodo ao lado. Alguém estava rindo na sala. Com um susto, Bilodo reconheceu os zurros característicos de Robert, e se deu conta de que o auxiliar de coletas estava bem ali, do outro lado da parede. Um jorro de novas peças recortadas de memória invadiu sua

cabeça: o carteiro lembrou-se de repente que depois da esbórnia, já de madrugada, tinha feito a burrada de deixar que o amigo lhe desse carona até em casa. Sua casa nova! Seu refúgio secreto!

Ele se recordou do espanto bêbado no rosto de Robert ao descobrir que o espertinho tinha feito a mudança sem que ninguém soubesse, e depois da sua surpresa ao dar de cara com a decoração japonesa do novo cafofo de Bilodo. Ele estava revendo a imagem nítida de Robert explorando o lugar, procurando por alguma gueixa escondida, acabando com o conteúdo de uma das garrafas de saquê, mijando na banheira, derrubando a mesinha de chá com um tropeção e caindo no tatame para logo começar a roncar mais que o motor de um B-52 atrás de uma cidade onde pudesse jogar a bomba H. A enxaqueca de Bilodo doeu ainda mais. Que erro imperdoável! Agora, o segredo da sua fortaleza reclusa tinha sido revelado. Robert sabia. Ele estava bem ali ao lado, na sala, e dando gargalhadas. O que será que era tão engraçado?

Bilodo conseguiu se levantar, apesar do enjoo, e conduzir o corpo até o corredor. Mais um acesso de riso do Robert. Segurando-se na parede, o carteiro chegou até a passagem para a sala, onde se deparou com o amigo de cueca e camiseta escarrapachado na poltrona diante da escrivaninha. Ele estava lendo algo que obviamente considerava hilário. E a tal coisa era um haikai de Ségolène.

A gaveta havia sido aberta. Os poemas da moça estavam espalhados na escrivaninha e Robert tinha um maço deles na mão, profanando os versos com seu olhar sacrílego enquanto coçava o saco, e cometendo a ousadia de recitá-los com aquela voz grasnada de pitecantropo.

– *Ostentam bravura /em roupas contra avalanche* – / *mas no fundo, frágeis* – disse Robert, gargalhando. – Esse “frágeis” aí quer dizer *brochas*, que eu sei!

A visão do auxiliar de coletas em trajes íntimos segurando os poemas refinados de Ségolène entre os dedos gordos nojentos, sujando os versos com seu olhar desdenhoso e a risada rude, fez o sangue de Bilodo se congelar nas veias. Na voz monocórdia de um robô prestes a violar a Primeira Lei, ele mandou que Robert lhe devolvesse os papéis. Mas o outro não parecia estar com pressa de obedecer.

– Espere aí – falou ele, folheando os poemas. – Tem outros mais ridículos ainda.

E o auxiliar de coletas fez aquilo outra vez, leu mais um haikai numa voz zombeteira em falsete. Bilodo avançou na direção dele. Robert já estava esperando por isso. Ele saiu da cadeira num pulo e correu para o lado oposto da sala. Bilodo o perseguiu, decidido a recuperar a qualquer custo os poemas preciosos. Ele, enfim, se antecipou às cabriolas desprezíveis do palhaço de coletas e conseguiu pegar os papéis, mas o idiota não os largava, e o inevitável aconteceu... Bilodo encarou, perplexo, os pedaços rasgados que Robert continuava segurando, e depois olhou para os que tinham ficado na sua mão.

– Xiii... – fez Robert, se acabando de rir.

– Vá embora – ordenou Bilodo, monocórdio.

– Calma – devolveu o outro, sem se abater. – Não precisa disso tudo por causa desse lixo de poesia!

Ele tinha mesmo dito “lixo”? Tão instantaneamente quanto havia parado de correr, o sangue de Bilodo derreteu outra vez e esquentou quase ao ponto de ferver. O punho se contraiu e disparou para a frente, atingindo o nariz de Robert. O auxiliar de coletas atravessou as cerejeiras do biombo e foi aterrissar na mesinha atrás dele. Bilodo arrancou as folhas que restavam na mão dele. Atordoado, com a mão segurando o nariz melado de sangue, o auxiliar de coletas se apurou do melhor jeito que conseguiu e teve a audácia de se irritar. Ele xingou, agitou os braços e tentou revidar o golpe com um murro que mal roçou a orelha do colega de trabalho. Ao que Bilodo reagiu martelando com toda força do punho a sua barriga. Robert se esvaziou na hora, a agressividade lançada para fora do seu corpo com o ar dos pulmões. Bilodo aproveitou o ensejo para agarrá-lo pelo tecido da camiseta e arrastá-lo até o corredor, mal parando para abrir a porta da rua antes de atirá-lo para fora. Robert voou escada abaixo, quicando com as costas em dois ou três degraus no caminho. Bilodo jogou as roupas por cima dele e trancou a porta.

O carteiro mal estava acreditando. Ele, que nunca tinha machucado uma mosca sem lamentar que a coitada não pudesse tomar anestesia antes, tinha acabado de dar uma surra no seu melhor amigo. Seu ex-amigo, melhor dizendo. Mas no momento havia outra preocupação mais premente. A situação era grave: alguns dos haicais mais preciosos de Ségolène estavam despedaçados. Indiferente aos insultos e alertas sinistros que Robert lhe gritava do lado de fora, e também às pancadas violentas dele em sua porta, Bilodo pegou um durex e começou a restaurar as queridas folhas. Do outro lado da porta, Robert havia passado para as ameaças, jurando que aquilo não iria ficar assim, que mais cedo ou mais tarde Bilodo teria o troco; mas o carteiro não ouvia coisa alguma, absorto como estava na operação delicada de reabilitar os versos mutilados.

Foi só bem mais tarde – muito depois que os gritos de Robert tinham silenciado, e quando a obra de Ségolène estava totalmente recuperada – que Bilodo notou, ao apalpar o bolso do casaco atrás da carta não enviada que guardara ali na véspera, que não estava mais com ela. O envelope e o tanka contido nele haviam desaparecido.

O carteiro não se lembrava do que podia ter feito com eles. Será que havia perdido por distração em algum momento durante a esbórnia, ou aquele ordinário do Robert dera um jeito de roubar a carta?





Assim que entrou no Madelinot na hora do almoço, Bilodo avistou Robert sentado com o inevitável bando de colegas na mesa habitual do pessoal dos Correios. O inchaço e o tom anormal da pele do seu nariz seriam difíceis de passar despercebidos. Bilodo sentiu uma saraivada de olhares hostis na sua direção; estava claro que Robert espalhara uma versão muito particular do seu desastre nasal. Bilodo tentou ignorar o clima de animosidade no ar. Escolheu um lugar no balcão. Tania se aproximou para deixar uma tigela de sopa à sua frente, e enquanto começava a manejar a colher, o carteiro ficou pensando em qual seria a melhor maneira de lidar com a questão espinhosa do tanka surrupiado. Será que estava mesmo com Robert? Perguntar abertamente a respeito seria impensável, ainda mais ali com os outros colegas. Como ele poderia descobrir o paradeiro da carta, Bilodo ponderava, sem se comprometer e sem correr o risco de que o auxiliar de coletas fosse de alguma forma tirar vantagem da situação? E, caso isso fosse necessário, como pegaria de volta o envelope sem ser obrigado a se humilhar com um pedido de desculpas ou fazer coisa ainda pior, dependendo de como estivesse o humor do outro na hora? Bilodo mastigou sem prestar atenção o bolo de batata com carne moída, torcendo para que o próprio Robert pusesse um ponto final na situação, aproximando-se para anunciar o valor do resgate. Mas isso não aconteceu: nada na atitude do auxiliar de coletas indicava que ele podia ter qualquer intenção de fazer algo com relação a Bilodo que não fosse odiá-lo até o fim dos tempos.

Depois de almoçar, quando estava saindo do toailete masculino, ele quase deu um encontrão em Tania, que estava parada ali perto da porta à sua espera. Exibindo um sorriso radiante, a garçonete queria lhe agradecer. Pelo poema, é claro. E Bilodo viu o papel na mão dela. O tanka!

Com lágrimas de felicidade nos olhos, Tania contou a surpresa boa que tivera ao encontrar o poema no balcão, com a conta e o dinheiro devido. E confessou que os versos tinham tocado fundo seu coração, baixando

recatadamente os olhos antes de acrescentar, com as bochechas vermelhas, que também se sentia do mesmo jeito. Bilodo, pasmo, por fim entendeu: Tania estava achando que o tanka era para ela, que ele tinha escrito seu poema como prometera fazer, e que... Isso era tão terrível que o deixou sem ar. Ele não se sentia capaz de encadear duas palavras de modo coerente, quanto mais despedaçar assim sem mais nem menos as ilusões da jovem garçonete; tudo o que conseguiu fazer foi esboçar um sorriso vazio. A jovem, que deve ter interpretado como timidez a reação confusa de Bilodo, teve tato suficiente para deixar o assunto de lado, e apenas o fitou com os olhos brilhantes uma última vez antes de voltar ao trabalho.

O carteiro voltou a respirar. A situação não só tinha atropelado seu caminho, como estava agora com uma volta inteira de vantagem. E não era preciso procurar muito longe pelo responsável por esse plano cruel: brilhando do outro lado do salão do restaurante, o sorriso maldoso de Robert explicava tudo. O desgraçado estava radiante com a vingança! Bilodo pegou o casaco e rumou para a saída, não sem antes responder ao aceno discreto de Tania, cheio de empolgados significados ocultos. Furioso, ele foi esperar por Robert perto do furgão.

O auxiliar de coletas apareceu dez minutos mais tarde. Ainda sorrindo com o esgar odioso que era sua especialidade, Robert chegou perguntando quando seria o casamento. Bilodo se eriçou todo de raiva, dando uma bronca no colega por ter envolvido Tania daquela maneira numa briga que era só entre eles dois. Robert afirmou, sarcástico, que só fizera aquilo pensando na felicidade da moça, embora nunca tivesse conseguido entender como ela podia ser tão louca por um idiota como ele. Idiota mesmo, Bilodo concordou, ele devia ser bem burro para não ter notado antes o tipo de canalha que Robert era. O auxiliar de coletas retrucou que era melhor ser canalha do que um otário, e foi logo alertando que Bilodo ainda não tinha visto nada: dali em diante, a guerra entre os dois estava declarada. E em seguida foi embora a toda velocidade.

Bilodo já tivera a chance de ver Robert em ação por tempo suficiente para saber que ele podia ser implacável se quisesse, e passou o resto do dia preocupado com as várias maneiras, cada uma mais apavorante que a outra, que o outro teria de concretizar suas ameaças. No que dizia respeito a Tania, em todo caso, uma coisa era certa: por mais que a moça fosse ficar frustrada, ele precisava contar a verdade a ela.

Não demorou muito para as ameaças de Robert virarem realidade. Quando Bilodo chegou à Central de Triagem no dia seguinte, ficou desalentado ao dar de cara com uma fotocópia do seu tanka, com uma assinatura sua falsificada, pregada no quadro de avisos dos funcionários – a cópia tinha sido feita em papel-rosa-shocking para aumentar o impacto visual. E havia outras

distribuídas pelo prédio todo, principalmente nas cabines de separação da correspondência, de onde se ouviam as risadas ecoando. O mundo inteiro parecia ter lido seus versos. Era a grande piada do momento: qualquer pessoa que cruzasse com Bilodo aproveitava para fazer graça, fazendo uma alusão ou outra a flores, jardins ou horticultura de forma geral. E, como não havia nada mais que se pudesse fazer a respeito, o carteiro se protegeu num silêncio arredo, resistindo estoicamente às provocações. Quando pôde, enfim, sair para a ronda, a sensação foi de uma verdadeira libertação, mas a caminhada de três horas em ritmo acelerado nem de longe bastaria para acalmar seus nervos.

Pouco antes do meio-dia, Bilodo rumou para o Madelinot firmemente decidido a conversar com Tania e contar toda a verdade a ela, mas assim que pôs os pés no restaurante ele percebeu que os estratagemas de Robert tinham chegado na frente: ninguém o encarou e as conversas foram morrendo à sua passagem. Exceto no canto do pessoal dos Correios, onde uma rodada de risos abafados cercava Robert e sua expressão malvada e seu nariz que agora ganhara um tom de roxo. Quando o viu, Tania agiu como se não o conhecesse, e logo sumiu para dentro da cozinha.

– Ségolène! Ségolène! – cantarolava o coro maldoso de bufões do outro lado.

Bilodo ficou pálido. Nesse momento, ele teria dado tudo para estar no extremo oposto do planeta. E já ia quase virando as costas para ir embora quando lembrou que antes disso precisava falar com Tania, e sendo assim seguiu em frente com coragem. Enfrentando os ruídos jocosos, trocadilhos e outras alusões poéticas mais sutis, foi se sentar junto ao balcão.

– Ségolène de Guadalupe, eu quero ver seu truque!

Bilodo cerrou os punhos, sem saber por mais quanto tempo suportaria aquilo. Tania voltou da cozinha, trazendo uma bandeja cheia. Ele fez sinal para ela, mas foi totalmente ignorado enquanto a garçonete tratava de servir as refeições do pessoal dos Correios. O grupo, claro, não perderia essa chance tão boa de provocar a moça, e todos começaram a perguntar se ela passaria as próximas férias em Guadalupe, se não tinha ciúmes da rival, se ficaria satisfeita com um *ménage à trois*, e depois avisaram que seu noivo Libido estava esperando no balcão, e que se ela corresse talvez conseguisse até que ele lhe deixasse outro lindo poema de amor, quem sabe dessa vez escrito para ela própria. Tania terminou de servi-los sem dizer uma palavra, mas claramente espumando de raiva. Por fim, pareceu decidir que já tinha deixado Bilodo plantado esperando por tempo suficiente, e enveredou para o outro lado do balcão para anotar o pedido dele com uma atitude tão gelada que teria sido capaz de afundar uns doze *Titanics*. O que ele desejava almoçar? Talvez um pato, que cairia na conversa dele da mesma forma que ela? Ou quem sabe uma pamonha, que aceitaria qualquer coisa sem reclamar? Justificando-se de toda forma, Bilodo disse que ela tinha entendido mal a história e que os dois precisavam conversar em particular, mas a garçonete retrucou que não havia por que fazer isso, que não tinham mais nada a dizer um ao outro, e atirou uma bola de papel amassado por cima do

balcão.

– Tome seu poema de volta, Libido! – disparou ela.

Uma salva de palmas começou no grupo dos Correios e se espalhou pelo resto do salão do restaurante. Tania certamente tinha uma torcida forte: todos os clientes da hora do almoço acompanhavam a cena com atenção. Bilodo seguiu a garçonete até as portas que davam acesso à cozinha, jurando para ela em voz baixa que a culpa não tinha sido sua, que o poema não fora escrito para ela e nunca devia ter chegado às suas mãos; mas Tania, que era pura desconfiança a essa altura, quis saber por que ele não tinha dito essas coisas todas na véspera, deixando que ela fizesse papel de boba. E deu um basta aos murmúrios do carteiro dizendo que não queria ouvir mais nada sobre os joguinhos doentios daqueles dois: ele e Robert que encontrassem outra vítima e tratassem de deixá-la em paz. E outra rodada de aplausos explodiu depois dessa deixa.

Começando a chorar, Tania buscou abrigo na cozinha, sendo substituída no seu posto junto à porta pela silhueta corpulenta do cozinheiro do lugar, o Sr. Martinez, que devia pesar uns bons cento e trinta quilos de hostilidade, sem contar a faca que trazia na mão. Bilodo não viu outra alternativa senão bater em retirada, e deixou às pressas o restaurante onde agora era visto como pária. A vontade dele era correr o mais depressa que pudesse até os confins da Terra, mas a rua de repente oscilou sob seus pés, as pernas falharam, e ele precisou se sentar nos degraus da primeira escada que viu pela frente para não acabar desmaiando.

Cinco minutos mais tarde, ele continuava no mesmo lugar, lutando contra a sensação de desamparo completo, fazendo o que podia para superá-la, para digerir a mistura cáustica de vergonha e raiva que corria suas entranhas, quando o pessoal os Correios emergiu do Madelinot, tendo Robert à frente. O auxiliar de coletas passou por Bilodo com uma satisfação visível por estar testemunhando a sua queda, e seguiu adiante escoltado triunfalmente por seus asseclas, que começaram a entoar um hino exaltando a beleza exótica do arquipélago de Guadalupe. Fraco demais para protestar, Bilodo baixou a cabeça e ficou lá sentado, encarando as dobras do tanka amassado que ainda tinha nas mãos... Quando olhou o papel com mais atenção, esticou a folha e se deu conta de repente de que aquele não era o original, e sim outra fotocópia! Eletrizado, ele gritou chamando por Robert, que já estava cem metros à frente com seu cortejo. O auxiliar de coletas dignou-se a esperar por Bilodo enquanto este corria ao seu encontro. Já mais do que encerrado o tempo das sutilezas entre eles, o carteiro exigiu que o outro lhe devolvesse sua carta. Robert pareceu se divertir imensamente com a interpelação, e retrucou que não estava mais com a droga do poema, que tinha postado o envelope e pronto, e em seguida voltou a caminhar cercado pelo bando. Bilodo ficou imóvel, paralisado pelo que havia acabado de ouvir: o tanka tinha sido enviado.

Depois de todos os infortúnios, ele estava de volta ao ponto de partida.

Ensō.



O tanka estava viajando inexoravelmente para as mãos de Ségolène, e isso afastou todas as outras preocupações. As maquinações de Robert, o sofrimento de Tania, os Correios, a vida, a morte – nada disso tinha importância para Bilodo no momento. Será que o poema havia chegado até ela? Será que ela havia lido? Que tinha ficado abalada, espantada? Entediada, desapontada, desdenhosa? Ou será que tinha sido o contrário, que os versos haviam tocado seu coração, encantado a moça, e que tudo estava perfeitamente bem? Por querer acreditar na segunda opção, Bilodo encontrou conforto na lembrança da reação inicial de Tania quando a garçonete lera seus versos: ela podia ser vista como um sopro de esperança em uma resposta positiva de Ségolène, não podia? Mas logo o julgamento que Robert fizera do poema surgiu na sua mente, e o carteiro já não sabia de mais nada. “Esse lixo!”, fora o que o auxiliar de coletas dissera. Era possível que Robert, por um capricho terrível da sorte, tivesse razão? Bilodo passou a ter pesadelos com isso. Sonhando, via lábios gigantescos se abrindo para cuspir com desprezo a palavra:

“Lixo.”

E esses lábios eram os de Ségolène – lábios de um vermelho feroz, os dentes brancos de fera, a boa impiedosa repetindo a palavra mortífera:

“Lixo.”

E cada vez parecia haver uma adaga cravada no seu peito, porque ele sabia que era verdade, sim, seu poema era um lixo, e ela estava certa de repetir aquilo para castigá-lo por ter sido tão tolo. Os dentes de Ségolène rasgavam então o tanka em mil pedaços que se espalhavam em todas as direções, chegando aos confins mais remotos do vazio gelado, e nos pedacinhos de papel Bilodo via o próprio rosto como que refletido em minúsculos espelhos, a sua angústia multiplicada ao infinito...

Era isso que se passava no sonho, e quando acordava o carteiro já não

tinha certeza de mais nada, indo dar mais uma volta no carrossel do medo. Ele começou a pensar se, em vez de esperar, não seria melhor tomar algum tipo de atitude preventiva, se não deveria escrever para Ségolène confessando tudo, contando a ela que Grandpré havia morrido e ele próprio não passava de um imitador barato – pelo menos isso acalmaria sua consciência. Mas logo mudou de ideia e disse a si mesmo para pensar direito, sabendo muito bem que uma confissão era impossível, que significaria trair a si mesmo e declarar o fim da correspondência preciosa que ainda era, agora mais do que nunca, a graça dos seus dias.

Bilodo, oscilando feito um pêndulo entre a esperança e a resignação, era a prova viva de uma velha verdade: não existe nada pior do que esperar quando você não sabe ao certo como vai ser o desfecho da situação em curso.

A resposta de Ségolène enfim chegou. Bilodo saiu às pressas da sua baía de trabalho e se trancou no banheiro masculino. Prendendo a respiração, preparando-se para descobrir o que sua audácia tinha lhe custado, ele desdobrou o papel. Um poema de cinco linhas. Ela havia respondido com outro tanka:

A noite que arde
febre entre os lençóis
minhas coxas e meus lábios
Atrás de ti, eu me perco
sou aquela flor aberta

Bilodo piscou, achando que tinha lido errado, mas não. Não havia engano. As palavras eram mesmo aquelas palavras, os versos eram mesmo aqueles versos, e o poema era mesmo *aquele* poema.

Ele tinha esperado uma carta com censuras, ou talvez um haikai simples como o que costumavam trocar, ou ainda, numa perspectiva mais favorável, um tanka romântico parecido com o seu, mas certamente não *isso*, não essa explosão de sensualidade, esses versos tórridos. O que tinha acontecido com ela? Bilodo sentiu uma energia se agitando na sua pelve e percebeu que estava com uma ereção – uma ocorrência fisiológica espantosa, que era só o que estava faltando para deixá-lo totalmente abalado. Jamais uma carta de Ségolène havia provocado aquele tipo de reação. Não que fosse a primeira

ereção dele em homenagem a ela, longe disso – as ereções eram muito comuns quando ele estava sonhando com a moça. Mas assim, em plena luz do dia, sem a desculpa conveniente de estar adormecido?

A reação sem dúvida podia ser atribuída ao conteúdo inusitado do tanka, ao erotismo palpável dos versos. O que ele gostaria de saber era se Ségolène havia previsto o efeito que seu poema poderia ter. Aquilo fora accidental ou deliberado? Como Bilodo deveria responder? Que resposta poderia dar para uma coisa como *aquela*?

À noite, ele sonhou com uma cobra que se esgueirava por entre samambaias, que se arrastava furtivamente entre as raízes marrons e lisas de uma árvore cujo tronco estava coberto de cipós. Só que a árvore não era árvore e sim um corpo, o corpo nu de Ségolène, adormecido com a flauta a seu lado. Devagar, para não acordá-la, a cobra subiu até o pescoço, se enroscou nos membros, deslizou no meio dos seios, escapou para a curva do ventre, provou o ar com sua língua bifida e depois foi ainda mais para baixo, para aquele vale escuro, o triângulo de mata no meio das coxas... Bilodo, encantado pela serpente do sonho, acordou mais excitado do que nunca, embora a excitação fosse praticamente seu estado normal desde o dia anterior: a ereção tinha se mantido firme e urgente, só cedendo de leve quando ele conseguia tirar da cabeça os versos de Ségolène. Relendo a estrofe, ele se perguntou mais uma vez se tinha entendido corretamente, se os tons sexuais que vira nos versos não seriam fruto da própria imaginação depravada, mas concluiu que não. Era um tanka lascivo, e ponto. E, tivesse saído assim por intenção de Ségolène ou não, só havia uma maneira de respondê-lo à altura:

Não é só a flor
mas sim um jardim
um perfume que conclama
Nas pétalas eu mergulho
retiro todo o seu néctar

Qual onda tocando a praia
num beijo de sal
nossas bocas são –
indo, leves, e voltando
até enfim se encaixar

Um chocolate de Páscoa
com fita amarela
– a alça desceu
desnudando o ombro nu
que eu queria mordiscar

Doce canibal
se for mordiscar
terá que me comer toda
se não quiser se arriscar
a por mim ser devorado

Eu serei o vento
ondulando o seu cabelo
roubando o seu cheiro
Eu inflarei sua saia
e aticarei sua pele

Meus pés se torcendo,
encolhidos, tesos

elétricos de prazer
pois não sossegam as mãos
Penso demais em você

Era uma embriaguez doce, uma febre voluptuosa que fazia a vida ganhar o dobro da intensidade, uma corrente turbulenta contra a qual não se queria lutar, uma corrente diante da qual a única opção era a entrega, e, além disso, era tudo o que Bilodo mais queria. Sua única ambição era ir adiante naquela aventura sensual, nas descrições corporais ousadas, e provar o êxtase por completo. Esse intento ocupava inteiramente as suas horas. Ele mal saía de casa agora, e reagiu com indiferença à atmosfera adorável de maio, embora esse fosse seu mês favorito do ano. Não tinha também voltado ao Madelinot; mortificado com a ideia de que Tania pudesse interpretar sua presença como uma afronta, não tivera mais coragem de voltar a pôr os pés no restaurante. Aliás, nem trabalhar estava indo mais. O peso da humilhação sofrida na Central de Triagem tornara-se insuportável, e o carteiro acabara pedindo e conseguido uma licença não remunerada de seis meses. Agora que tinha tempo só para si, dedicava-se inteiramente a Ségolène.

Seu seio lá no horizonte
duna de cetim
anseio o seu mel
para matar minha sede
qual vampiro apaixonado

No deserto, minha boca
sedenta se arrasta
Enfim o oásis
ondo molho a língua galga
É o centro do seu umbigo

Suas pernas finas, brandas
captam o luar
O escultor que as fez
utilizou, com certeza,
o mais elevado mogno

Suas mãos me elevam
Dobram-me e me envolvem
Dão-me forma e me incendiam
Fazem de mim o que querem
Sou brinquedo em suas mãos

Sob o véu do seu vestido
entre suas coxas
um rio secreto
um Amazonas oculto
águas que vou explorar

A seda da sua pele
roça contra a minha
se ao menos pudesse
costurá-las pra que, juntas,
tudo tocassem, sincrônicas...

Será que o tanka era mesmo o melhor instrumento para modelar o desejo? A forma poética que tinha servido tão bem ao impulso de Bilodo de transformar sentimento em palavra agora começava a pesar, a parecer cerebral demais. Buscando uma maneira de deixar mais leve a caneta, decidi voltar à simplicidade básica do haicai, um condutor mais eficaz – ao que tudo indicava – para o jorro farto do querer.

Seus seios – montanhas gêmeas
cumes orgulhosos
se erguem sob meus dedos

E Ségolène deve ter aprovado a iniciativa, porque seguiu imediatamente pelo mesmo atalho:

Robusta raiz
pulsando na minha mão,
repleta de seiva

E, assim, a história do próprio nascimento do haikai se repetiu: despojada das palavras supérfluas como roupas sendo jogadas pelo chão a caminho do quarto, a essência nua da poesia pôde emergir. Mas Bilodo não estava satisfeito: sem poder mais suportar a demora do Correio comum, passou a usar o serviço de entregas expressas. E Ségolène acompanhou a mudança, encurtando assim os períodos de espera. A correspondência entre eles se acelerou, a respiração ganhou um tom ofegante, mas essa velocidade ainda não foi suficiente para Bilodo, que começou a enviar poemas para a mulher de Guadalupe sem esperar pelas respostas dela, e logo estava postando um haikai a cada dia. Ségolène também passou a lhe mandar haikai atrás de haikai, sem se dar ao trabalho de esperar os dele. Quase todas as manhãs, uma nova carta dela era deixada no capacho da entrada do apartamento. Os poemas voavam de um lado para outro, rápidos e em fúria; agora já sem uma continuidade cronológica, mas ainda assim replicando um ao outro de uma maneira peculiar:

Flor da tua carne
pérola escondida
entre pétalas macias

Se aventure aqui
onde arde o corpo

Jogue seu corpo no meu

Eu avanço a ti,
me deixas entrar
As tuas bocas me engolem

Você me percorre
mira minha paisagem
nada no meu lago

Percorro você
chego bem ao centro
da capital do seu corpo

Maremoto, explodo
no fundo de mim
supernova interior

Tsunami de fogo
enorme onda de lava
morro, para sempre

Carregada pela onda
não tenho mais nome
sou apenas cor

Estrelas – velas brilhantes

o vento solar
sopra ao infinito





Não se pode ficar para sempre com a cabeça nas nuvens. Enfim enganchado pela força da gravidade, Bilodo voltou para o chão ainda sob o efeito da explosão lenta do orgasmo poético que acabara de experimentar. Era verdade, então, que o amor nos dava asas. Ele nunca tinha abraçado daquele jeito uma mulher nas esferas celestiais. Havia sentido Ségolène tão próxima, tão inteiramente sua, totalmente dentro dele assim como ele estava dentro dela, e sabia que ela também tinha vivido a mesma explosão interior. O que mais haveria para escrever depois disso? Que versos poderiam ser escritos que não soassem frustrantes, depois da paixão consumada daquela maneira? Um último sussurro doce no ouvido da amada, talvez, momentos antes de cair no sono?

Buscando ideias, Bilodo vestiu seu quimono e, olhando pensativamente pela janela, viu flocos de neve esparsos pairando devagar sobre a rue des Hêtres. Inverno, já? *Tanto* tempo assim tinha se passado? O verão então havia zunido rápido como um cometa e sem ele ter notado, absorto como andava entre as fronteiras do seu mundo interior? Mas, olhando mais atentamente, Bilodo se deu conta de que aquilo não era neve e sim pólen soprado pelo vento, uma lufada de pólen vinda das árvores do parque ali perto. Igualzinha à neve. Um inverno em pleno verão. A cena surreal combinou perfeitamente com o estado de espírito de Bilodo, e lhe deu inspiração para escrever:

Como um edredom no asfalto,
chuva de confetes,
a primeira neve
paira lânguida e suave

sobre teu corpo esgotado

Festa das nuvens – a lua
procura outra pele
Tenro, este momento
na varanda, onde sozinha
penso somente em você

Um árido vale
rios e riachos secos
onde nada cresce
Eis minha alma assolada
Quando não há carta sua

Dias vêm e vão
E onde quer que esteja
você está ao meu lado
Sem a sua poesia
eu era só sem saber

O cão sentinela
da dona que dorme
Por ela, aceita morrer
Permite, ó, senhora – tolo
sou de ser teu cavaleiro

Qual o quê, caro senhor
a serva sou eu
mas se lhe convêm
posso também vir a ser
mais – a sua Dulcinea

Moinhos não me amedrontam
tampouco gigantes
Meu medo maior
é chateá-la com este
meu semblante doloroso

Na parede do liceu
o fiel relógio
bate as horas para
a gente toda do bairro
Meu coração, só por ti

Olhando por acaso para o calendário, Bilodo descobriu com espanto que agosto já ia pela metade. Logo, faria um ano que Grandpré havia deixado este mundo. O dia fatídico que determinara a mudança tão drástica na vida de Bilodo estava para chegar de novo, mas ele não sentiu medo nem tristeza com sua aproximação. Afinal, muito mais do que uma morte, a data marcava um nascimento, ou renascimento – o dele próprio –, e o início da sua preciosa correspondência com Ségolène. Obviamente, o evento seria marcante apenas para *ele*: aos olhos *dela*, a data passaria como um dia comum, feito qualquer outro. Mesmo assim, o encerramento desse primeiro ano de felicidade lhe pareceu digno de comemoração, ainda que fosse uma bem discreta:

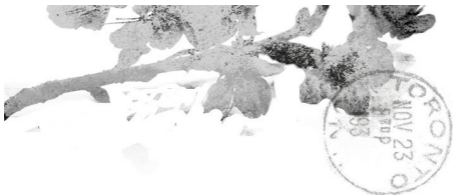
Era triste inverno

mas seu verso, primavera
seu amor, verão
O que nos reservará
o ruivo e dourado outono?

A resposta de Ségolène, que Bilodo recebeu dias depois, o fez mergulhar num estado de imensurável terror.

A moça tinha grandes expectativas para o outono...

Quando menina, sonhei
outonos daí
Já comprei meu voo
Chegarei no dia vinte
Você vai me receber?



O sonho de amor doce e radiante estava se transformando num pesadelo. De onde ela tinha tirado aquela ideia tão louca? Conhecer o outono canadense? O que Ségolène pretendia?

Isso era totalmente impossível. Ela não podia aparecer sem mais nem menos em Montreal, caso contrário estaria tudo acabado, perdido. Como a ilusão poderia continuar se a moça conhecia o rosto de Grandpré, se os malditos retratos haviam sido trocados? Mas de que forma ele poderia dizer a ela que não fizesse aquela jornada insana? O que falaria?

A chegada estava marcada para o dia 20 de setembro, o que dava a Bilodo três semanas para encontrar uma resposta adequada, para inventar uma desculpa que fosse. Talvez pudesse dizer que tinha surgido uma viagem também, que teria que passar setembro inteiro fora do país e por isso, infelizmente, não poderia recebê-la. Mas se Ségolène nesse caso sugerisse adiar a viagem, e embarcar numa data após o seu retorno?

Como ela podia ter sido tão boba? Será que não viu que iria estragar tudo, que aquele ato idiota punha em risco o relacionamento perfeito que os dois tinham até então? Mas, obviamente, a culpa não era de Ségolène. Ela não teria como saber. Bilodo teve que admitir que a responsabilidade pelo infortúnio era inteiramente sua. Ele deveria ter tido o bom senso de antever aquela possibilidade, de concluir que mais cedo ou mais tarde aquele seria o resultado. Como podia ter sido tão cego?

Mas e agora? Ele deveria dizer a ela que havia feito uma cirurgia plástica recente e estava com as feições consideravelmente alteradas? Ou será que era melhor fugir, deixar naquele instante o apartamento do qual ela sabia o endereço e para onde iria inevitavelmente assim que desembarcasse,

e ela que lidasse sozinha com o mistério insondável do seu sumiço? Mas, se fizesse mesmo isso, como ele suportaria depois o peso da culpa, do sentimento de covardia, das esperanças perdidas? Como poderia esquecer, como seguiria vivendo?

Não havia saída. Bilodo sabia que estava encurrulado, preso irremediavelmente como um camundongo indefeso debaixo do aço cruel da ratoeira. O sonho bom chegara ao fim. Estava estourando a bolha de felicidade dentro da qual havia flutuado por tanto tempo, e a ruptura o encheu de uma raiva impotente. O carteiro não conseguia se conformar com a ideia de perdê-la, mas lhe faltava coragem para encarar a amada. Todas as alternativas eram sofríveis, todas as portas estavam fechadas. Ele tinha chegado a um beco sem saída.

Era bem cedo quando o telefone tocou no dia seguinte. Sem nenhum interesse em atender, Bilodo deixou a secretária eletrônica fazer isso na sala. Alguém estava deixando um recado. Era um editor, um dos sujeitos para quem o carteiro enviara os originais do *Ensô*. O sujeito explicou rapidamente que tinha gostado muito da coletânea e queria publicá-la, e pedia que retornassem a ligação o mais depressa possível. Saindo da posição fetal em que se encontrava, Bilodo se levantou e foi ouvir outra vez o recado. O destino às vezes dá umas reviravoltas bizarras. A notícia, que um dia antes teria sido recebida com euforia, naquele momento só serviu para piorar seu humor. Para quê aquilo? Que diferença a publicação dos poemas de Grandpré poderia fazer no imbróglio absurdo em que se metera, além de complicar ainda mais as coisas? As máscaras já não estavam para cair, de qualquer maneira?

Pegando o manuscrito, ele o abriu aleatoriamente, como alguém escolhendo uma carta de tarô, e deu de cara com o seguinte haicai:

Para ir além
espie atrás do cenário
e defronte a Morte

O poema encheu seu espírito, ganhou de repente um novo sentido, e Bilodo se deu conta de que ali estava: a única saída, a solução definitiva para todos os seus problemas.

Ele endireitou o corpo. Já sabia o que tinha de fazer.





Estava perfeitamente óbvio. Era isso que precisava fazer, mas não sem antes cuidar de alguns preparativos necessários. Bilodo escreveu um bilhete para o editor que acabara de ligar, autorizando a publicação da coletânea *Ensô*. Ele deixou a mensagem na escrivaninha, onde seria facilmente encontrada, depois serviu uma porção dupla dos petiscos favoritos de Bill e se despediu do peixe, agradecendo-lhe pela sua amizade incondicional. Já estava pronto para partir.

A imensa viga entalhada que fazia parte da decoração da sala deveria servir bem. Ele empurrou a mesinha em forma de folha até deixá-la bem abaixo da viga, depois tirou a faixa do quimono para testar a resistência do tecido. Dando-se por satisfeito, mergulhou nas memórias de infância até voltar ao tempo despreocupado em que era escoteiro, e o nó corrediço foi dado sem esforço. Ele queria fazer aquilo do jeito limpo. De forma alguma escolheria cortar os pulsos ou usar uma arma, dois métodos igualmente repulsivos. Bilodo iria embora deste mundo com dignidade, deixando o mínimo possível de rastros: enforcar-se era sem dúvida a forma menos bagunçada.

Ele subiu na mesinha, amarrou a ponta da faixa na viga, depois passou a laçada ao redor do pescoço. Pronto. Havia chegado a hora de encerrar a Morte. Bastaria um chute do calcanhar para fazer tombar a mesa e dar um fim ao seu sofrimento. Bilodo respirou bem fundo, fechou os olhos e...

O som da campainha quebrou o silêncio.

Bilodo teve um sobressalto, sem saber como agir. Acabou decidindo aguardar um pouco na esperança de que a pessoa fosse embora, mas a campainha soou outra vez. E o carteiro sentiu uma mistura peculiar de alívio com irritação. Francamente! Quem tivera a audácia de vir perturbá-lo num momento tão crucial desses – logo a ele, que passara meses inteiros sem receber uma única visita? Bilodo tirou a laçada do pescoço, desceu da

mesinha, foi até a porta e espiou pelo olho mágico. O rosto distorcido que viu do outro lado pertencia a Tania.

Tania. Ele quase já se esquecera dela. Se havia uma última pessoa no mundo a quem Bilodo ainda estava devendo uma explicação, essa pessoa era a jovem garçonete. Com uma sensação vaga de pânico, ele destrancou as três fechaduras, soltou as quatro correntes de segurança e abriu a porta. Ao vê-lo, Tania pareceu ainda mais espantada do que ele. Com um olhar ansioso, perguntou se estava tudo bem, e deixou escapar que ele parecia muito mudado. Isso não foi surpresa para Bilodo: depois de tantas atribulações, e da sua decisão de encarar a Morte, ele devia estar mesmo com a cara de um defunto trazido de volta do túmulo. Esboçando um sorriso tranquilizador muito fraco, o carteiro lhe disse que estava tudo ótimo. A garçonete, que não pareceu muito convencida, desculpou-se por estar incomodando e explicou de um jeito meio atabalhado que tinha conseguido o endereço com Robert. Bilodo também fez menção de se desculpar, por todo o episódio do Madelinot na sua última ida até lá, mas ela o interrompeu insistindo que boa parte da culpa na verdade era *sua*: depois de ter pressionado Robert até obter uma confissão, Tania percebera que Bilodo não tinha sido o responsável por nada do que acontecera, e, além do mais, que a culpa havia sido mesmo dela própria. Afinal, nada daquilo teria acontecido se não fosse sua imaginação tão... fértil, não era verdade?

Ela passou o peso do corpo de um pé para o outro, nervosa, visivelmente constrangida, com um ar de quem estava esperando que ele confirmasse as coisas que ela havia acabado de dizer, ou quem sabe que a contradissesse. E então, sem obter uma coisa nem outra, ela enveredou pelo segundo motivo da sua visita e explicou que estava indo embora, se mudando, que tinha largado o emprego no restaurante para morar no subúrbio.

Será que a moça esperava por alguma reação específica da sua parte? A falta de resposta era um desapontamento para ela? Se tinha sido, não deixou transparecer, mas em vez disso lhe estendeu um papel avisando que ali estava o novo endereço para o caso de... se ele um dia quisesse... bem, você sabe... Examinando o papel, Bilodo notou que ela tivera o esmero de usar uma cuidada caligrafia em estilo japonês para anotar o endereço e o número do telefone; traçados a pincel. O resultado tinha ficado muito gracioso, e ele a elogiou profusamente pelo feito. Ela pediu que ele entrasse em contato sempre que tivesse vontade. Ele garantiu que faria isso, sim. Mas sempre mesmo, ela acrescentou ainda, forçando um sorriso. E depois veio um breve silêncio desconfortável. Os dois ficaram parados na sacada do apartamento, mudos, com medo de encarar um ao outro, por uns bons e intermináveis dez segundos. Por fim, Tania rompeu a inércia para dizer que precisava ir. Deu tchau e desceu a escada com passos mecânicos.

Na calçada, ela se virou para olhar se ele ainda estava lá; depois, acelerando o passo, foi se afastando depressa. Bilodo pensou ter visto uma coisa brilhando no rosto dela. Uma lágrima? Vendo-a ir embora, foi tomado por uma emoção poderosa. Era como um vácuo dolorido, como um pensamento lindo abortado quando ainda estava prestes a emergir, desaparecendo antes mesmo de ter tido a chance de tomar forma. Bilodo sentiu um nó na garganta, e reparou que seus olhos estavam embaçados por causa das lágrimas. De repente, sentiu o impulso de chamar Tania, de detê-la antes que ela estivesse longe demais, e uma das mãos se ergueu, se esticou na direção da moça, e ele tentou gritar, mas dos seus lábios não saiu som algum. Chegando à esquina, Tania dobrou para a direita e sumiu de vista. Bilodo baixou a mão.

Uma lufada de vento varreu a rua, criando um redemoinho de folhas soltas de jornal. Olhando para o céu, Bilodo viu que estava cinza e carregado, cheio de nuvens pesadas. Havia uma tempestade a caminho. Ele sentiu um calafrio, e entrou de volta.

Pensativo, Bilodo fechou a porta e examinou o papel com o novo endereço e o número de telefone de Tania, fascinado tanto pelos caracteres lindamente desenhados quanto pelas novas possibilidades insinuadas por eles. As letras e os números pareciam boiar na superfície da folha, brilhando na pouca luz do apartamento. A mudança gritante provocada pela visita surpresa assombrou Bilodo – a emoção que a lágrima da moça despertara, e a esperança louca que havia brotado de repente de um pedaço de papel largado para trás. Será que ele deixara passar algo de importância crucial?, ponderou. Poderia haver alguma solução além das consideradas até ali, um jeito melhor de se livrar do impasse em que se encontrava? Será que era possível que existisse vida após a morte, ou, melhor ainda, *antes* dela?

Ele voltou até a sala e ficou paralisado, deparando-se novamente com a laçada pendurada no teto. Seu estômago se revirou. A perspectiva da morte, que lhe parecera benéfica poucos momentos atrás, agora o apavorava, e a imagem mental do ato que quase chegara a cometer o deixou enjoado. Tomado por uma onda violenta de náusea, Bilodo saiu correndo para vomitar no banheiro.

Quando enfim se pôs de pé outra vez, estava se sentindo literalmente sem forças, e precisou apoiar o corpo na pia para não desmaiar. Sentiu necessidade de se lavar. Ligando a torneira fria, molhou várias vezes o rosto. A água o fez se sentir um pouco melhor. Ele sacudiu o excesso, depois arriscou um olhar pessimista para o espelho para ver a cara de zumbi que encontraria refletida lá.

E o que viu foi absolutamente assustador. Do outro lado, estava a cabeça barbada e desgrenhada de Gaston Grandpré.



Bilodo fitou, incrédulo, aquele rosto que não podia estar lá, que *não devia* estar ali no espelho no lugar do seu porque pertencia a um homem morto. Ele tentou mandá-lo embora piscando com força, depois deu um tapa na própria cabeça, mas Grandpré continuava teimosamente preso no vidro, imitando cada um dos seus gestos, encarando-o com uma expressão tão espantada quanto a sua. O carteiro chegou à conclusão óbvia de que tinha enlouquecido. Pouco depois, certos detalhes faciais do reflexo despertaram sua atenção e o fizeram reconsiderar sua impressão quem sabe precipitada. Não era exatamente Grandpré. Aqueles olhos verdes eram de Bilodo, e *não* os azuis do falecido, da mesma forma que as sobrancelhas – mais finas, menos cabeludas que as de Grandpré – e também o nariz ligeiramente achatado, e o lábio inferior muito menos grosso... À medida que ia lentamente se reconhecendo entranhado no rosto do outro homem, Bilodo admitiu que não estava sonhando nem tinha entrado num surto psicótico, e que o sujeito à sua frente na verdade era *ele mesmo*, apenas alterado de uma maneira quase inacreditável.

No esforço de encontrar uma explicação racional, compreendeu que o que estava vendo no espelho era o resultado de um lapso de muitos meses na sua higiene pessoal. De tão envolvido que estivera na sua aventura poética, Bilodo se esquecera completamente de dar atenção a si mesmo, deixando de lado os cuidados mais básicos, não se dando ao trabalho sequer de se olhar no espelho, até que chegara enfim àquele ponto: um choque aos próprios olhos, uma imagem decadente de si mesmo. Mas – o carteiro pensou – será que a semelhança extraordinária com Grandpré era fruto do mero acaso? Não seria, em vez disso, o resultado de um desejo inconsciente de se parecer com seu predecessor? Vai ver, Bilodo estava tão ávido para se ver na pele de Grandpré que acabou assumindo a aparência dele, ao ponto de um poder ser confundido com o outro. Fosse como fosse, o resultado era impressionante: com a barba de vários meses e a juba eriçada que não via um pente há tanto

tempo quanto, e embrulhado no quimono que fora de Grandpré, tinha ficado mesmo a cara do falecido. Não era de admirar que Tania tivesse tomado um susto ao vê-lo daquele jeito: por um instante, ela deve ter pensado que estava diante do fantasma de Gaston.

Bilodo decidiu tomar imediatamente uma atitude com relação à barba espessa que estava cobrindo as bochechas. Ligou a água quente e pegou a lâmina, mas, no meio do gesto, parou. Uma ideia acabava de lhe ocorrer: se Tania havia se deixado confundir, mesmo conhecendo bem o falecido, e se até o próprio Bilodo tinha ficado momentaneamente confuso diante do espelho, por que uma pessoa que só conhecia Grandpré por uma foto não poderia acreditar na história também?

Transfigurado, Bilodo baixou a lâmina. Então de repente havia uma chance de que o encontro de outono se realizasse de verdade, não havia?

Por que não aproveitar essa chance única de ter Ségolène em sua casa? Ele estava ávido por tê-la colada em sua pele também, além de através das palavras, não estava? Queria amá-la de algum jeito que não fosse em sonho, ainda que seu corpo fosse tomar o lugar do de Grandpré - amar aquela mulher verdadeiramente como ela merecia, como os dois mereciam, e enfim começar a viver de verdade.

Será que poderia ignorar uma oportunidade tão maravilhosa de reverter o destino? Ele sequer tinha esse direito?

Mas então, por que ainda hesitava? O que o estava impedindo de pedir que ela viesse para passar o outono, o glorioso outono canadense com que a moça sonhava desde a infância, na sua companhia?

Venha voando – o outono
está te esperando
para dar seu brilho

Eufórico, Bilodo já conseguiu se imaginar no aeroporto, esperando a moça de Guadalupe surgir timidamente pelo portão do desembarque, e se viu dirigindo com ela ao lado por uma linda paisagem de outono, digna de cartão-postal, os cabelos dos dois soltos ao vento. Ele já tinha na boca o gosto do primeiro beijo, conseguia sentir o calor do primeiro abraço, a sensação de se perder no labirinto matinal dos cabelos de Ségolène espalhados no travesseiro. Mas, para que essas visões maravilhosas se transformassem em realidade, o haicai precisava ser postado.

Bilodo tinha acabado de selar o envelope quando um rugido tomou conta

do céu lá fora. Trovoadas. Depois de ter passado a manhã à espreita, a tempestade finalmente chegara, as primeiras gotas pesadas batendo na vidraça da sala. Bilodo, que não deixaria o mau tempo impedir o envio do poema, tratou de pegar um guarda-chuva e disparar porta afora. Enquanto ainda não tinha passado da sacada, um relâmpago fotografou a rua, seguido instantaneamente por um barulho alto de estalo, e de repente era tanta água que parecia época das monções. Do outro lado da pista, através da cortina de chuva, viu a silhueta do furgão dos Correios. Já era hora da coleta? Devia ser, uma vez que Robert estava lá, encharcado, transferindo apressadamente o conteúdo da caixa para uma sacola. Bilodo hesitou. A presença do auxiliar de coletas o incomodara. Ele e Robert não se falavam desde os incidentes da primavera, e o carteiro não estava com espírito para ser alvo das zombarias do colega. Além disso, Robert não estava só: havia um carteiro com ele, muito provavelmente o substituto de Bilodo na sua ronda, um sujeito que ele não conhecia e nunca tinha visto, mas contra quem criara certa antipatia depois que havia desconfiado de que tentara abrir algumas das cartas de Ségolène.

Agora estava mesmo chovendo baldes. Robert, apressado para se abrigar da tempestade, voltou a fechar a caixa de correio e jogou a sacola dentro do furgão. Ele já estava para ir embora. O desejo de Bilodo de enviar o haicai foi mais forte do que qualquer outra consideração: decidiu engolir o orgulho e deixar sair um grito para atrair a atenção do auxiliar de coletas. Robert se virou, avistou o colega. Brandindo a carta na mão, Bilodo disparou pelas escadas e se lançou na pista alagada. O outro sujeito, o carteiro, começou a acenar com os braços, dizendo algo que ele não conseguiu distinguir. O zunido de uma buzina cortou o ar. Depois, veio uma batida.

O mundo rodopiou ao redor de Bilodo em câmera lenta, como se fosse num sonho. Ele saiu girando pelo espaço, perguntando-se o que teria acontecido, até que veio mais uma pancada e o mundo estancou de novo, pesado e duro contra suas costas. O céu relampeava e trovejava, crivando seus olhos de chuva. Ele tentou se mexer mas descobriu que era impossível, e percebeu que estava sentindo uma dor terrível. Uma silhueta se interpôs entre a tempestade e seu corpo. Um rosto conhecido, o de Robert. Depois apareceu outro rosto, do carteiro – também conhecido, mas por uma razão inteiramente diferente: era seu próprio rosto. O rosto do carteiro era o do Bilodo antigo, o Bilodo de antes da metamorfose, barbeado e de olhos desanuviados, como ele tinha sido um dia.

Era ele mesmo, em sua versão antiga, encarando-o ali de cima.





Como ele podia estar caído no asfalto e ao mesmo tempo ali em cima, olhando para si mesmo? Que mágica era aquela? Bilodo fez um esforço desesperado para entender antes que fosse tarde demais; e a resposta veio, aparentemente, através de uma voz interior que sussurrava as palavras do haikai que abria e encerrava a coletânea de Grandpré:

O giro das ondas
contra pedras rudes –
o tempo corre em volteios

Era exatamente isso que estava acontecendo. O passado se repetindo. O tempo lhe pregando uma peça. Enquanto batia como onda nas pedras – fluindo na corrente –, quando deu-se o momento da luta pela vida de Grandpré, o tempo ficara preso num tipo de redemoinho, formando o vórtice que sugara Bilodo.

Será que Grandpré tinha sentido isso? Quando escrevera o haikai, ele sabia que seus versos seriam proféticos?

Uma vida em forma de círculo. Bilodo tinha encajado nas areias do tempo. Isso era tão inacreditável e magnificamente absurdo, que, apesar da dor excruciante que estava sentindo, o carteiro teve que rir. E ele riu, engolindo água da chuva, e quanto mais ria, mais engraçada lhe parecia a coisa toda. Até que um nó se formou na sua garganta e o riso parou. Na

verdade, não havia nada de divertido naquilo. Era, inclusive, bem trágico: afinal ele estava ali morrendo sem qualquer alívio, sem nem mesmo o conforto de saber que sua morte seria uma libertação. Porque bastava observar o outro Bilodo, o olhar ávido que ele dirigia à carta ainda presa entre seus dedos, para entender que o filme não terminaria ali, que a vez daquele outro chegaria e a roda continuaria girando, arrastando-lhe também para sua morte, e depois ao que viria em seguida, e ao outro após esse, e ao outro e ao seguinte, para sempre. Era cruel assim: Bilodo estava condenado a morrer repetida e eternamente, e nada poderia livrá-lo dessa maldição. Exceto, talvez...

Segurar a carta... impedir que fosse tragada pelo esgoto... mantê-la na mão por tempo suficiente para que o outro Bilodo pudesse agarrá-la, quem sabe lê-la e talvez decidir enviá-la ao seu destino, desviando assim a vida para uma corrente temporal diferente, e... Depois, quem poderia saber? Talvez o redemoinho cessasse e a maldição fosse revertida. Reunindo toda a força que ainda lhe restava, ele a empurrou na direção dos dedos da mão direita, que apertaram a carta. Quando fechou os olhos para poder concentrar melhor as energias, uma imagem inusitada surgiu nas suas pálpebras cerradas: um círculo vermelho, ou melhor, uma roda de fogo a girar.

Ainda o vórtice maldito. A serpente mordendo o rabo. O tempo canibalizando a si próprio.

De repente, na mente de Bilodo, emergiu a lembrança das sílabas misteriosas, da palavra final que Grandpré havia murmurado logo antes de falecer: “ES-TOU”, ele achara que tinha ouvido. Na ocasião, ficara sem entender o significado daquilo, mas agora emergia claro como água.

– *Ensō* – gemeu Bilodo, enquanto o último sopro de vida lhe escapava da boca.



Índice

[CAPA](#)

[Ficha Técnica](#)

[A vida peculiar de um carteiro solitário](#)